



Ensino Médio

1ª  
série

# Filosofia

Manual exclusivo do aluno

## Capítulo 1

### Entre o Mito e a Filosofia

**Problema Inicial:** A filosofia nasceu realizando uma transformação gradual sobre os antigos mitos gregos ou nasceu por uma ruptura radical com os mitos?

#### Mas, o que é um mito?

Um mito é uma narrativa sobre a origem de alguma coisa (origem dos astros, da Terra, dos homens, das plantas, dos animais, do fogo, da água, dos ventos, do bem e do mal, da saúde e da doença, da morte, dos instrumentos de trabalho, das raças, das guerras, do poder, etc.).

A palavra mito vem do grego, e deriva de dois verbos: do verbo (contar, narrar, falar alguma coisa para os outros) e do verbo (conversar, contar, anunciar, nomear, designar).

Para os gregos, mito é um discurso pronunciado ou proferido para ouvintes que recebem como verdadeira determinada narrativa, porque confiam naquele que narra; é uma narrativa feita em público, baseada, portanto, na autoridade e confiabilidade da pessoa do narrador. Essa autoridade vem do fato de que ele ou testemunhou diretamente o que está narrando ou recebeu a narrativa de quem testemunhou os acontecimentos narrados.

Quem narra o mito? O poeta, por exemplo. Quem é ele? Por que tem autoridade? Acredita-se que o poeta é um escolhido dos deuses, que lhe mostram os acontecimentos passados e permitem que ele veja a origem de todos os seres e de todas as coisas para que possa transmiti-la aos ouvintes. Sua palavra – o mito – é sagrada porque vem de uma revelação divina. O mito é, pois, incontestável e inquestionável.

Portanto, os mitos existem porque o homem possui um anseio natural pelo conhecimento. A nossa racionalidade, ou seja, o mundo ativo de pensar, analisar, refletir, criar, e assim modificar a realidade, nos coloca numa condição de querer entender as coisas, compreender os fenômenos que nos cercam.

Ao conjunto de vários mitos de uma determinada cultura ou povo nós chamamos de mitologia. Assim, temos a mitologia grega, a mitologia egípcia, a mitologia celta, a mitologia dos povos orientais e, inclusive, as mitologias das tribos indígenas que ajudaram a formar a cultura brasileira.

Tomemos alguns exemplos de Narrativa Mítica:

#### O mito indígena de origem do guaraná

O guaraná é a semente do fruto que vem do guaranazeiro, planta considerada sagrada pela tribo dos índios Maués da Amazônia. Para explicar o seu

surgimento, contam os Maués que, há muito tempo, vivia um casal que não conseguia ter filhos. Como eles queriam muito uma criancinha, rezaram para que Tupã, o deus supremo, lhes fizesse a vontade. Tupã olhou nos corações do índio e da índia e viu que eles eram bons e honestos. Assim, resolveu atender o desejo do casal e lhes deu de presente um menino.

O indiozinho cresceu forte e bonito, trazendo muitas alegrias a seus pais e a toda a tribo.

Porém, o deus da escuridão, chamado Jurupari (você já reparou que há sempre um malvado que vem estragar a alegria dos outros nas histórias de todos os povos?), começou a ter inveja do menino, exatamente porque ele trazia felicidade e muita paz a todos.

A inveja cresceu e cresceu, até que Jurupari resolveu acabar com aquilo de vez: aproveitou um momento de distração da criança e, transformando-se em cobra, mordeu o menino e matou-o com seu veneno.

Todos ficaram desesperados com a notícia da morte do indiozinho. Mas, de repente, trovões estrondosos se ouviram nos céus. A mãe da criança morta percebeu que o trovão era a voz de Tupã, dizendo: “Mulher! Planta na terra os olhos de teu filho tão injustamente assassinado. Não posso fazer a criança voltar à vida, mas farei nascer dos olhos dela uma fruta maravilhosa, que muitos prazeres trarão ao teu povo”

Assim a índia fez. Plantou os olhos do filho e, pouco depois, viu brotar da terra uma planta que deu um fruto negro, com um aro ao redor, como se fossem... Olhos! Assim surgiu o guaraná, um fruto da Floresta Amazônica que é usado para dar energia a quem o bebe.

#### O mito grego de origem do amor

Quando nasceu Afrodite, banquetearam-se os deuses, e entre os demais se encontrava também o filho de Prudência, Recurso. Depois que acabaram de jantar, veio para esmolar do festim a Pobreza, e ficou na porta.

Ora, Recurso, embriagado com o néctar – pois o vinho ainda não havia – penetrou o jardim de Zeus e, pesado, adormeceu. Pobreza então, tramando em sua falta de recurso engendrar um filho de Recurso, deita-se ao seu lado e de pronto concebe o Amor.

Eis por que ficou companheiro e servo de Afrodite o Amor, gerado em seu natalício, ao mesmo tempo em que por natureza amante do belo, porque também Afrodite é bela.

E por ser filho o Amor de Recurso e de Pobreza foi esta a condição em que ele ficou. Primeiramente ele é sempre pobre, e longe está de ser delicado e belo, como a maioria imagina, mas é duro, seco, descalço e sem lar, sempre por terra e sem forro,

deitando-se ao desabrigo, às portas e nos caminhos, porque tem a natureza da mãe, sempre convivendo com a precisão.

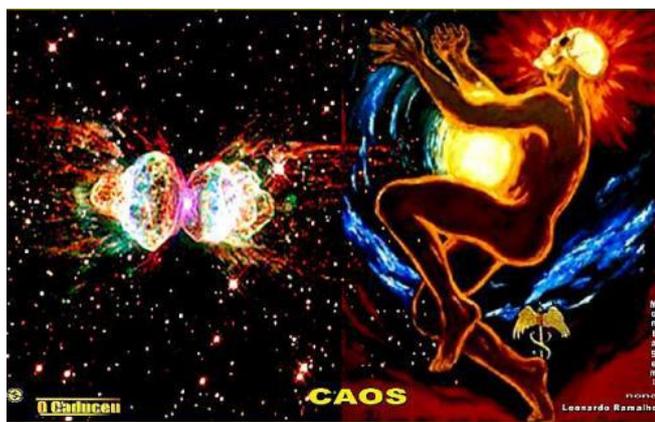
Segundo o pai, porém, ele é insidioso com o que é belo e bom, e corajoso, decidido e enérgico, caçador terrível, sempre a tecer maquinações, ávido de sabedoria e cheio de recursos, a filosofar por toda a vida, terrível mago, feiticeiro, sofista: e nem imortal é a sua natureza nem mortal, e no mesmo dia ora ele germina e vive, quando enriquece; ora morre e de novo ressuscita, graças à natureza do pai; e o que consegue sempre lhe escapa, de modo que nem empobrece o Amor nem enriquece, assim como também está no meio da sabedoria e da ignorância. Eis, com efeito, o que se dá.

Vemos, portanto, que o mito narra a origem das coisas por meio de lutas, alianças e relações sexuais entre forças sobrenaturais que governam o mundo e o destino dos homens. Como os mitos sobre a origem do mundo são genealogias, diz-se que são cosmogonias (origem do cosmos), antropogonias (origem do ser humano) e theogonias (origem de deus ou dos deuses).

A palavra Gonia vem de duas palavras gregas: do verbo (engendrar, produzir, gerar, fazer nascer e crescer) e do substantivo (nascimento, gênese, descendência, gênero, espécie). Gonia, portanto, quer dizer: geração, nascimento a partir da concepção sexual e do parto. Cosmos, por sua vez, quer dizer mundo ordenado e organizado. Assim, a cosmogonia é a narrativa sobre o nascimento e a organização do mundo, a partir de forças geradoras (pai e mãe) divinas.

Theogonia é uma palavra composta de Gonia e, que, em grego, significa: as coisas divinas, os seres divinos, os deuses. A theogonia é, portanto, a narrativa da origem dos deuses, a partir de seus pais e antepassados.

Outro aspecto muito importante é que os mitos não precisavam ser comprovados, pois se acreditava que eram mensagens transmitidas pelos próprios deuses.



A filosofia, ao nascer, é uma cosmologia, uma explicação racional sobre a origem do mundo e sobre as causas das transformações e repetições

das coisas; para isso, ela nasce de uma transformação gradual dos mitos ou de uma ruptura radical com os mitos? Continua ou rompe com a cosmogonia, a antropogonia e a theogonia? Duas foram as respostas dadas pelos estudiosos:

1) A primeira delas foi dada nos fins do século XIX e começo do XX, quando reinava um grande otimismo sobre os poderes científicos e capacidades técnicas do homem. Dizia-se, então, que a filosofia nasceu por uma ruptura radical com os mitos, sendo a primeira explicação científica da realidade produzida pelo Ocidente.

2) A segunda resposta foi dada a partir de meados do século XX, quando os estudos dos antropólogos e dos historiadores mostraram a importância dos mitos na organização social e cultural das sociedades e como os mitos estão profundamente entranhados nos modos de pensar e de sentir de uma sociedade. Por isso, dizia-se que, como qualquer outro povo, os gregos acreditavam em seus mitos e que a filosofia nasceu, vagarosa e gradualmente, do interior dos próprios mitos, como uma racionalização deles.

Atualmente, consideram-se as duas respostas exageradas e afirma-se que a filosofia, percebendo as contradições e limitações dos mitos, foi reformulando e racionalizando as narrativas míticas, transformando-as numa outra coisa, numa explicação inteiramente nova e diferente.

Quais as diferenças entre filosofia e mito? Podemos as três mais importantes:

1. O mito pretendia narrar como as coisas eram ou tinham sido no passado imemorial, longínquo e fabuloso, voltando-se para o que era antes que tudo existisse tal como existe no presente. A filosofia, ao contrário, preocupa-se em explicar como e por que, no passado, no presente e no futuro (isto é, na totalidade do tempo), as coisas são como são.

2. O mito narrava a origem através de genealogias e rivalidades ou alianças entre forças divinas sobrenaturais e personalizadas, enquanto a filosofia, ao contrário, explica a produção natural das coisas por elementos e causas naturais e impessoais. O mito falava em Urano, Ponto e Gaia; a filosofia fala em céu, mar e terra. O mito narra a origem dos seres celestes (os astros), terrestres (plantas, animais, homens) e marinhos pelos casamentos de Gaia com Urano e Ponto. A filosofia explica o surgimento desses seres por composição, combinação e separação dos quatro elementos – úmido, seco, quente e frio ou água, terra, fogo e ar.

3. O mito não se importava com contradições, com o fabuloso e o incompreensível, não só porque esses eram traços próprios da narrativa mítica, como também porque a confiança e a crença no mito vinham da autoridade religiosa do narrador.

A filosofia, ao contrário, não admite contradições, fabulação e coisas incompreensíveis, mas exige que a explicação seja coerente, lógica e racional; além disso, a autoridade da explicação não vem da pessoa do filósofo, mas da razão, que é a mesma em todos os seres humanos.

Os mitos cumpriam uma função social moralizante de tal forma que essas narrativas ocupavam o imaginário dos cidadãos da Pólis grega (cidade-estado) direcionando suas condutas. Na Atenas do século V a.C. existia também o espaço para as comédias que satirizavam os poderosos e personagens célebres, e as tragédias que narravam as aventuras e prodígios dos heróis, bem como seus fracassos.

Havia festivais em que os poetas e escritores competiam elegendo as melhores peças e textos. Estes festivais eram muito importantes na vida da “pólis” grega, era por meio destes eventos sociais que as narrativas míticas se difundiam.

### O mito hoje

Na modernidade, podemos pensar filosoficamente outros conceitos para o mito. Um dos modos de entender o mito é pensá-lo como fantasmagoria, isto é, aquilo que a sociedade imagina de si mesma a partir de uma aparência que acredita ser a realidade.

Por exemplo: é mítica a ideia de progresso, porque é uma idéia que nos move e alimenta nossa ação, mas, na realidade, não se concretiza.

A Sociedade Moderna não progride no sentido que tudo o que é novo é absorvido para a manutenção e ampliação das estruturas do sistema capitalista. O progresso apresenta-se como um mito porque alimenta o nosso imaginário.

Todo o conhecimento científico é socialmente construído, de tal maneira que o rigor da ciência tem limites inultrapassáveis e sua pretensa objetividade não implica em neutralidade, daí surge a ideia de que a ciência leva ao progresso e que o progresso e a história são de alguma forma, lineares, podendo ser considerado uma espécie de mito moderno da cientificidade.

Quando, a procurarmos analisar a situação presente nas ciências no seu conjunto, olhamos para o passado, a primeira imagem é talvez a de que os progressos científicos dos últimos 30 anos são de uma ordem espetacular que os séculos que nos precederam não se aproximam em complexidade.

Então, juntamente com Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) perguntamos: os progressos das ciências e das artes contribuirão para purificar ou para corromper os nossos costumes?

Há uma relação entre ciência e virtude? Há uma razão de peso para substituímos o conhecimento vulgar pelo conhecimento científico?

### Mitos Modernos

Hoje, independentemente da religião que professemos muitos de nós não acreditam nos mitos e em suas histórias.

A ciência deu luz à maioria de nossas inquietações. Então, por que dizemos que os super-heróis são mitos modernos? O que eles têm a nos dizer?

Abaixo apresentamos duas citações retiradas do livro *O poder do mito*, de Joseph Campbell:

✓ “Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos”.

✓ “Contamos histórias para tentarmos entrar em acordo com o mundo, para harmonizarmos nossas vidas com a realidade”.

Diante dessas afirmações, em um primeiro momento podemos realmente dizer que os mitos são apenas uma forma de descrever o mundo que nos rodeia, mas percebemos que o papel deles (como de qualquer história) é muito maior: é tornar esse mundo parte de nós.

Os super-heróis nos tornam parte desse todo. Muito mais do que imaginamos...

Há alguns anos, os jornais noticiaram que uma mãe entrou numa espécie de lagoa, sem saber nadar, para salvar o filho que estava se afogando. Se esquecermos por um instante do fator biológico de preservação da espécie, essa mulher ultrapassou seus limites para salvar um bem maior que a própria vida dela.

Ela foi ovacionada como uma heroína. Muitos foram os casos de pessoas que extrapolaram seus limites objetivando o bem do outro, normalmente aos que fazem isso denominamos heróis.

O que diferenciaria essa mulher do Superman? Claro, os super poderes! Seria muito mais fácil se ela tivesse a habilidade de voar do homem de aço. Ela apenas voaria por cima do pequeno lago e resgataria a criança num ato quase cinematográfico. Seria dramático, com certeza, mas ela continuaria sendo considerada uma heroína, mesmo não tendo lá muito trabalho no resgate?

Não seria mais ou menos como puxar a mão do filho quando, ao atravessar a rua, ele se adianta sem perceber um carro que está se aproximando?

Por conta desses questionamentos, alguns consideram a expressão “super-herói” uma grande contradição. Ser “herói” e “super” ao mesmo tempo não teria nenhum nexos.

Uma saída é irmos para o contraponto pensando em “super-vilões” que, normalmente tem superpoderes e os utiliza para o que habituamos chamar de mal. Então, tanto os heróis quanto os

super-heróis estão ligados pela sua essência, que é fazer o bem.

### Superman e o ser herói

Superman foi o primeiro grande super-herói de outros que tentaram imitá-lo, com ou sem sucesso. Foi criado por dois estudantes Jerry Siegel e Joe Shuster e sua primeira aparição foi em junho de 1938 na revista Action Comics.

A origem clássica do Superman narra que para salvar a vida de seu filho da destruição total do planeta Krypton, o cientista Jor-EL lança-o dentro de uma pequena aeronave que cai na Terra, mais especificamente em uma cidadezinha do interior dos Estados Unidos chamada Smallville.

A criança é adotada por John e Marta Kent e recebe o nome de Clark Kent. Com o passar dos anos, Clark descobre sua origem e percebe que é diferente dos outros habitantes do nosso planeta.

Mais tarde vai trabalhar em Metrópolis, como jornalista no Planeta Diário. Lá conhece Lois Lane, Jimi Olsem e Perry Whit.

Assim, os super-heróis nos tornam parte do mundo muito mais do que imaginamos. São nossas personificações melhoradas que anseiam pelas mesmas coisas, seja entender que grandes poderes trazem grandes responsabilidades ou ser o homem mais poderoso do mundo e apenas querer ser aceito.

Assim, ele conquista a confiança e a credibilidade dos outros, mais ou menos como gostaria.

Há que se lembrar que o Super-Homem é um ser dotado de poderes, ilimitados, porém vive uma vida simples como repórter de um jornal, e acaba até passando por humilhações.

Além de seu modelo de justiça e bondade, podemos identificar nele a vontade do trabalhador de, um dia, descobrir que tem poderes e que, por trás daquela vida simples, existe um herói que salvará o planeta.

Outra importante característica dos heróis, tanto dos gregos quanto dos atuais, é que a vida deles, tal como a nossa, não é tranquila e perfeita. Eles também têm dilemas, problemas e em meio a tudo isso ainda conseguem realizar grandes feitos.



### Compreensão

1. O logos, sendo uma argumentação, pretende convencer.

O logos é verdadeiro, no caso de ser justo e conforme a “lógica”; é falso quando dissimula alguma burla secreta (sofisma). [...] O mito, assim, atrai em torno de si toda parcela do irracional existente no pensamento humano; por sua própria natureza, é aparentado à arte, em todas as suas criações.

GRIMAL, Pierre. A mitologia grega. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 8-9.

Redija um texto diferenciando a racionalidade do logos e a irracionalidade do mito de acordo com o trecho anterior.

---

---

---

2. De acordo com o estudado, faça um quadro comparativo diferenciando as características do mito das características da Filosofia.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## Capítulo 2

### O nascimento da Filosofia

O que tornou possível o surgimento da filosofia aos arredores da Grécia no final do século VII e no início do século VI antes de Cristo? Quais as condições materiais, isto é, econômicas, sociais, políticas e históricas que permitiram o surgimento da filosofia?

Podemos apontar como principais condições históricas:

#### As Viagens Marítimas

Que permitiram aos povos descobrir que os locais que os mitos diziam ser habitados por deuses, titãs e heróis eram, na verdade, habitados por outros seres humanos e as regiões dos mares que os mitos diziam ser habitadas por monstros e seres fabulosos não possuíam nem monstros nem seres fabulosos.

As viagens produziram o desencantamento ou a desmistificação do mundo, que passou, assim, a exigir uma explicação sobre a origem, uma explicação que o mito já não podia oferecer.

#### A Invenção do Calendário

Que é uma forma de calcular o tempo segundo as estações do ano, as horas do dia, os fatos importantes que se repetem, revelando, com isso, uma capacidade de abstração nova ou uma percepção do tempo como algo natural e não como um poder divino incompreensível.

#### A Invenção da Moeda

Que permitiu uma forma de troca que não se realiza através das coisas concretas ou dos objetos concretos trocados por semelhança, mas uma troca abstrata, uma troca feita pelo cálculo do valor semelhante das coisas diferentes, revelando, portanto, uma nova capacidade de abstração e de generalização.

#### O Surgimento da Vida Urbana

Com predomínio do comércio e do artesanato, dando desenvolvimento a técnicas de fabricação e de troca, e diminuindo o prestígio das famílias da aristocracia proprietária de terras, por quem e para quem os mitos foram criados; além disso, o surgimento de uma classe de comerciantes ricos, que precisava encontrar pontos de poder e de prestígio para suplantarem o velho poderio da aristocracia de terras e de sangue (as linhagens constituídas pelas famílias), fez com que se procurasse o prestígio pelo patrocínio e estímulo às artes, às técnicas e aos conhecimentos, favorecendo um ambiente onde a filosofia poderia surgir.

#### A Invenção da Escrita Alfabética

Que como a do calendário e a da moeda, revela o crescimento da capacidade de abstração e de

generalização, uma vez que a escrita alfabética ou fonética, diferentemente de outras escritas — como, por exemplo, os hieróglifos dos egípcios ou os ideogramas dos chineses — supõe que não se represente uma imagem da coisa que está sendo dita, mas a ideia dela, o que dela se pensa e se transcreve.

#### A Invenção da Política

Que introduz três aspectos novos e decisivos para o nascimento da Filosofia:

1. A ideia da lei como expressão da vontade de uma coletividade humana que decide por si mesma o que é melhor para si e como ela definirá as suas relações internas. O aspecto legislado e regulado da cidade — da melhor para si e como ela definirá as suas relações internas. O aspecto legislado e regulado da cidade — da — servirá de modelo para a filosofia propor o aspecto legislado, regulado e ordenado do mundo como mundo racional.

2. O surgimento de um espaço público, que faz aparecer um novo tipo de palavra ou de discurso, diferente daquele que era proferido pelo mito. Neste, o poeta-vidente, que recebia das deusas ligadas à memória (a deusa Mnemosyne, mãe das Musas que guiavam o poeta) uma iluminação misteriosa ou uma revelação sobrenatural, dizia aos homens quais eram as decisões dos deuses a que eles deveriam obedecer.

Agora, com a, isto é, a cidade política, surge a palavra como direito de cada cidadão de emitir em público sua opinião, discuti-la com os outros, persuadi-los a tomar uma decisão proposta por ele, de tal modo que surge o discurso político como a palavra humana compartilhada, como diálogo, discussão e deliberação humana, isto é, como decisão racional e exposição dos motivos ou das razões para fazer ou não fazer alguma coisa.

A política, valorizando o humano, o pensamento, a discussão, a persuasão e a decisão racional, valorizou o pensamento racional e criou condições para que surgisse o discurso ou a palavra filosófica.

3. A política estimula um pensamento e um discurso que não procuram ser formulados por seitas secretas dos iniciados em mistérios sagrados, mas que, ao contrário, procuram ser públicos, ensinados, transmitidos, comunicados e discutidos. É fundamental para a filosofia um pensamento que todos podem comunicar e transmitir.

#### Racionalização do Mito

Num primeiro momento a filosofia racionalizou o mito, em seguida despojou-se das figuras alegóricas que representavam a origem das coisas adentrando no campo da Physis, substituindo gradualmente as divindades que representavam os elementos da natureza separando a mesma de sua roupagem mítica, tornando-a objeto de discussão

racional: assim, a cosmologia não modifica somente a linguagem, mas muda de conteúdo. Em vez de descrever os nascimentos sucessivos, definiu os princípios primeiros, constitutivos do ser.

Esta forma de raciocinar, de linguagem e de retórica transcende o campo da política e se torna o instrumento para pensar todos os elementos constitutivos da realidade tal qual ela se apresenta aos gregos.

Os primeiros físicos não precisaram criar novos elementos para explicar os fenômenos da natureza, eles já existiam nos mitos, eram representações metafóricas para a Gênese (a origem).

Contudo, a cosmologia foi despojando a natureza de suas fundamentações místicas e tornando ela própria o objeto da especulação racional, alterando desta forma não só a linguagem utilizada, como também sua estrutura constitutiva.

As narrativas históricas são modificadas para sistemas racionais de exposição dos elementos integrantes da realidade.

A separação do conceito de natureza da ideia de divindade é condição para o pensamento racional. Separando o real em vários níveis e multiplicando conceitos, a filosofia ganha objetividade na medida em que, por meio dela, se distingue com maior precisão as noções de homem, de natureza, de sagrado, de cultura, entre outras tantas que são problematizadas pelo intelecto humano.

A filosofia se organiza como pensamento racional juntamente com o processo de formação da Pólis, constituída por uma política concentrada na Ágora, isto é, na vivência do espaço público de reunião, de debate e deliberação por parte dos cidadãos. As questões existenciais da Filosofia narradas nos Mitos.

A partir da explicação de determinados mitos é possível compreender de maneira mais clara como eles auxiliavam na formação cultural da Grécia Antiga. Com isso, podemos sintetizar que os mitos foram essenciais no processo de educação do homem grego.

Ou seja, toda a construção grega posterior envolvendo a literatura, a política, o direito e mesmo a filosofia tem, em grande parte, influência do legado mitológico deixado por estas narrativas que atravessaram tantos séculos.

Outro aspecto foi bastante importante para a influência dos mitos na educação grega: o registro de suas histórias. Os mitos, conforme já foi dito, são registros orais que passam de geração em geração.

Contudo, em dado momento, passaram a representar tanta força na formação do caráter grego que as principais histórias começaram a ser registradas.

Os responsáveis por esses registros foram os grandes poetas gregos. Entre eles temos Homero, que para muitos estudiosos pode ser considerado, ao lado de Hesíodo, o verdadeiro fundador da educação grega.

Homero foi um lendário poeta que teria vivido na Grécia Antiga no século VIII a. C. Escreveu duas das principais obras da antiguidade: *Ilíada* e *Odisséia*, que mostravam grande preocupação com a formação ética e espiritual do homem, descrevendo as mais diversas situações passadas na vida, e sempre enfatizando um modo de viver baseado nas virtudes do ser humano, usando os mitos como forma de educar o povo.

A primeira grande obra escrita por Homero foi *Ilíada*, que trata de um modelo de vida dentro de um estado de guerra, mas sempre tendo em vista a busca pela excelência, que os gregos chamavam de *Areté*.

A questão existencial em Aquiles é uma das questões mais importantes dentre as histórias narradas por Homero. Esta história permite-nos compreender melhor a ideia de destino para os gregos, com a questão da responsabilidade de cada pessoa perante o seu próprio destino.

Se Aquiles não fosse à guerra, iria viver eternamente, mas não faria nada de grandioso em sua vida. Se fosse à guerra, morreria, mas seria lembrado eternamente como um herói. Aquiles enfrenta suas dúvidas e vai à Guerra de Troia, ou seja, ele prefere uma vida mais breve, mas repleta de heroísmo e feitos extraordinários a uma vida longa e sem realizações. Para os gregos isso simbolizava duas coisas:

1. **A imortalidade** – para os gregos a imortalidade é muito maior que uma ideia de viver “eternamente” ou “viver para sempre”. É imortal o homem lembrado eternamente por seus feitos em vida. Ou seja, Aquiles, ainda que morto, tornou-se eterno por suas façanhas na Guerra de Tróia. A imortalidade está ligada àquilo que realizo de grande, e não à duração da existência.

2. **A questão do destino** – Aquiles já tinha seu futuro decretado, mas a forma de como tudo isso se desenrolaria dependeria de sua escolha: lutar ou não. Ou seja, os deuses determinam as condições da existência de cada um, mas não o final, não aquilo que eu faço com a vida que recebi. Os deuses não obrigaram Aquiles a lutar. Foi o herói quem escolheu. Ou seja, por mais que eu tenha nascido rico ou pobre, brasileiro ou italiano, com essas ou aquelas características, eu tenho a possibilidade e a responsabilidade de com isso fazer a trajetória mais heroica possível.

Já a *Odisseia* é uma história de Homero que se passa durante o período em que Odisseu, um grande guerreiro grego, vai para a Guerra de Troia

e dura até sua volta para casa. Esse tempo em que esteve fora durou cerca de vinte anos e a história narra as aventuras de retorno do herói ao lar.

O que impediu o retorno ao seu lar logo depois do fim da guerra foi a arrogância diante de Poseidon. Odisseu acredita não precisar mais dos deuses para conduzir a sua vida. Por causa disso, Poseidon, o deus do mar, atrasou por 10 anos a chegada de Odisseu a Ítaca, sua terra natal, como punição a este desrespeito. Foi somente depois de superar a soberba que Odisseu pôde rever sua esposa e seu filho, já adulto.

Quando venceu a soberba, Odisseu foi capaz de entender que o homem é apenas parte do cosmos e que precisa cultivar humildade e respeito diante das forças maiores da natureza, que na obra foram representadas pela figura de Poseidon.

Com a *Ilíada* e a *Odisseia* vemos que os heróis já nascem predestinados a grandes feitos, atos heroicos e vitórias grandiosas. Podemos dizer que cada um nasce destinado a ser um herói em sua existência. Homero destaca essa atitude existencial, de forma que é preciso viver, enfrentar as dificuldades por meio das virtudes, como a coragem e a humildade.

Mas apesar de toda essa capacidade já nascer com o indivíduo, cabem às suas escolhas e atitudes a realização de seu destino. Uma pessoa pode nascer com o potencial de ser um grande músico, ou seja, desde o início pode ter facilidade em aprender a tocar um instrumento ou a identificar as notas musicais quando ouve uma melodia. Porém, se não estudar e praticar, nunca será capaz de tocar músicas mais complexas ou fazer composições, por exemplo.

Essa pessoa é um grande músico em potencial, porém precisa se tornar de fato um grande músico. Isso se mostra de forma tão evidente que muitas vezes encontramos pessoas que não possuem tanto talento natural para aquilo que fazem, mas que devido ao seu esforço, acabam por ser melhores do que aqueles que possuem talento, mas não o desenvolvem.

### Compreensão

1. Explique, com suas palavras, a seguinte afirmação: a Filosofia é filha da Pólis.

---

---

---

---

2. Entre as transformações históricas ocorridas na Grécia dos séculos VII e VI a.C., uma das principais está relacionada às navegações marítimas.

Explique sua importância para o nascimento da Filosofia.

---

---

---

---

3. O mito é uma forma autônoma de pensamento e de vida.

Nesse sentido, a validade e a função do mito não são secundárias e subordinadas em relação ao conhecimento racional, mas originárias e primárias, situando-se num plano diferente do plano do intelecto, porém dotado de igual dignidade [...]

De acordo com a definição anterior, explique por que o conhecimento mítico tem a mesma dignidade do conhecimento filosófico.

---

---

---

---

4. Na Antiguidade Clássica, o mito é considerado um produto inferior ou deformado da atividade intelectual. A ele era atribuída, no máximo, “verossimilhança”, enquanto a ‘verdade’ pertencia aos produtos genuínos do intelecto. Esse foi o ponto de vista de Platão e de Aristóteles. Platão contrapõe o mito à verdade ou à narrativa verdadeira (Górg., 523 a), mas ao mesmo tempo atribui-lhe verossimilhança, o que, em certos campos, é a única validade a que o discurso humano pode aspirar (Tini., 29 d) e, em outros, expressa o que de melhor e mais verdadeiro se pode encontrar (Górg., 527 a). Também para Platão o M. constitui a “via humana mais curta” para a persuasão [...]

---

---

---

---

5. Explique por que, segundo essa definição, o mito é considerado mentira para pensadores como Platão e Aristóteles. Você concorda com esta posição? Justifique sua resposta.

---

---

---

---

## Capítulo 3

### Os Filósofos Pré-Socráticos

Filósofos pré-socráticos, conforme sugere o nome, são filósofos anteriores a Sócrates. Essa divisão propriamente, se dá mais devido ao objeto de sua filosofia, em relação à novidade introduzida por Platão, do que à cronologia – visto que, temporalmente, alguns dos ditos pré-socráticos são contemporâneos a Sócrates, ou mesmo posteriores a ele (como no caso de alguns sofistas).

Primeiramente, os pré-socráticos, também chamados naturalistas ou filósofos da *physis* (natureza – entendendo-se este termo não em seu sentido corriqueiro, mas como realidade primeira, originária e fundamental, ou o que é primário, fundamental e persistente, em oposição ao que é secundário, derivado e transitório), tinham como escopo especulativo o problema cosmológico, ou cosmo-ontológico, e buscavam o princípio (ou *arché*) das coisas.

Posteriormente, com a questão do princípio fundamental único entrando em crise, surge a sofística, e o foco muda do cosmo para o ser humano e o problema moral.

Os principais filósofos pré-socráticos (e suas escolas) foram:

- ✓ Escola Jônica: Tales de Mileto, Anaxímenes de Mileto, Anaximandro de Mileto e Heráclito de Éfeso.
- ✓ Escola Itálica: Pitágoras de Samos, Filolau de Crotona e Árquitas de Tarento.
- ✓ Escola Eleata: Xenófanes, Parmênides de Eléia, Zenão de Eléia.
- ✓ Escola da Pluralidade: Empédocles de Agrigento, Anaxágoras de Clazômena e Demócrito de Abdera.

Além de todas as escolas, há alguns conceitos que são presentes em toda manifestação da filosofia dos pré-socráticos, pois são conceitos que podemos considerar como sendo o ponto de partida e o de chegada das investigações desses ilustres pensadores. Os conceitos são: *physis*, *cosmos*, *arché* e *logos*.

#### **Physis**

*Physis*, segundo os filósofos pré-socráticos, é a matéria que é fundamento eterno de todas as coisas e confere unidade e permanência ao Universo, o qual, na sua aparência é múltiplo, mutável e transitório.

A palavra grega *Physis* pode ser traduzida por natureza, mas seu significado é mais amplo. Refere-se também à realidade, não aquela pronta e acabada, mas a que se encontra em movimento e em transformação, que nasce e se desenvolve, o fundo eterno, perene, imortal e imperecível de onde tudo brota e para onde tudo retorna.

A *Physis* significa, portanto, a natureza das coisas, sua essência, aquilo que determina que a árvore, por exemplo, seja do jeito que é e não outra coisa qualquer.

A *Physis* é sempre algo que está no próprio mundo: a água, o fogo, a terra etc. É um termo tão importante que fez com que os pré-socráticos, em geral, fossem só conhecidos posteriormente como “os filósofos da *physis*”, ou simplesmente físicos, justamente por tentarem encontrar a verdade na própria natureza.

É importante aqui dissipar qualquer dúvida, pois este conceito pode causar confusão: *physis* de fato designa a natureza física, a matéria. Porém, os filósofos pré-socráticos não tinham como finalidade maior estudar a natureza em geral, ou seja, como se formam as chuvas, como funciona um vulcão, como a planta desenvolve e assim por diante, por isso os tornaria muito próximos de um cientista de nossos tempos, por exemplo.

É certo que eles observavam esses fenômenos citados, mas o objetivo não era entendê-los, mas a partir da observação da natureza tentar identificar a natureza em sua realidade, ou seja, a parte essencial que compõe todas as coisas. Em síntese: ainda que a *physis* possa ser identificada como natureza em geral, o que os pré-socráticos queriam é encontrar “a natureza” de cada coisa, ou seja, aquilo que define o eu é, aquela coisa.

Por fim, o fantástico é que essa “natureza da coisa” era sempre algo físico, material, presente no mundo concreto, diferente das alegorias míticas.

#### **Cosmologia**

Os pré-socráticos buscavam, além de falar sobre a origem das coisas, mostrar que a *Physis* (natureza) passava por constantes mudanças e que essas eram provocadas por alguma coisa que tentavam conhecer. Por causa das viagens marítimas, da invenção do calendário, da invenção da moeda, do surgimento das Polis, da invenção da escrita e da política, os gregos passaram a perceber que nada ocorria por acaso e que não existia a interferência de deuses relatados no período mitológico.

A cosmologia surgiu como a parte da filosofia que estuda a estrutura, a evolução e a composição do universo, sendo a primeira expressão filosófica apresentada no período pré-socrático ou cosmológico.

Suas principais características são: a substituição das narrativas de origem e transformação da natureza através de mitos e divindades por explicações racionais que identificam as causas de tais alterações, defendendo a criação do mundo a partir de um princípio natural

e que a natureza cria seres mortais a partir de sua imortalidade.

No período em que a cosmologia prevaleceu, as pessoas acreditavam que a natureza somente poderia ser conhecida através do pensamento, ou seja, existia a necessidade de pensar para se chegar ao princípio de todas as coisas que forma, a partir de sua imutabilidade, seres sensíveis a transformações, regenerações, mutações capazes de realizar modificações quanto à qualidade e quantidade.

Tal mudança dá significado a tais modificações, além de significar movimentação e locomoção.

O cosmos (ou ordem) é, portanto, a ideia do todo, mas não de um "todo" qualquer: é a ideia de um "todo" perfeitamente harmônico. Cosmos, então, é a ordem, é a harmonia natural que existe no mundo.

E é pelo fato de o mundo ser harmônico e ordenado que os pré-socráticos acreditavam que tudo pode ser explicado a partir de princípios (Arché) e da própria natureza (Physis) deste mundo. E observa-se que é da procura dessa ordem natural que o período dos pré-socráticos na filosofia ficou conhecido como período cosmológico.

### Arché

Para os filósofos pré-socráticos, a arché (origem, princípio), seria um princípio que deveria estar presente em todos os momentos da existência de todas as coisas; no início, no desenvolvimento e no fim de tudo. Princípio pelo qual tudo vem a ser. A arché se mantém constante mesmo com a mudança das coisas.

Pensemos o seguinte: primeiro temos a semente, e depois temos a planta, porém, ambos são o mesmo ser, ainda que visivelmente modificados. Isso indica que há um princípio por trás dessas mudanças que explica a transformação da semente em planta, pois é nesse princípio que estaria a razão de como a planta subsiste e existe.

A arché é a unidade originária que se mantém sempre idêntica, independentemente das mudanças das coisas. A água pode ser líquida, sólida, gasosa, porém, há uma unidade que se mantém intacta nessas mudanças: essa unidade originária é a arché.

Os filósofos pré-socráticos preocupavam-se em explicar a origem da natureza a partir de um elemento específico, ao qual chamamos arché. Assim, para cada um deles, o Universo teria surgido a partir de uma arché, ou seja, a partir de elemento primordial. Conforme o quadro abaixo, podemos identificar qual era a arché do Universo segundo cada filósofo da natureza:

- ✓ Tales de Mileto: Água
- ✓ Anaxímenes: O ar
- ✓ Anaximandro: O indeterminado
- ✓ Heráclito: O fogo
- ✓ Pitágoras: O número
- ✓ Xenófanes: A terra
- ✓ Parmênides: O ser
- ✓ Zenão: O ser (seguindo os passos de seu mestre Parmênides)
- ✓ Demócrito: O átomo
- ✓ Empédocles: defendeu a existência de quatro elementos primordiais: terra, ar, água e fogo, movidos e misturados de diferentes maneiras, em função de dois princípios universais maiores: o amor e o ódio.

### Logos

Por fim, o último conceito importante é o logos, que não possui uma tradução próxima em português, pois logos retrata várias palavras, como discurso, razão, estudo. Em síntese, o logos seria o próprio discurso racional, a tentativa de explicar as coisas a partir da própria racionalidade humana, e não mediante a autoridade religiosa de um sacerdote ou livro sagrado.

De fato, o logos é o discurso de todos os pré-socráticos e será a forma de se discursar filosoficamente em toda a história. Os três conceitos anteriores trazidos certamente contribuem para se entender a diferença dos pré-socráticos para o pensamento mítico, contudo, é com o logos que podemos afirmar categoricamente: a filosofia nasceu!

### Sofistas

Para entender os princípios e pensamentos dos filósofos pré-socráticos é necessário entender também os chamados sofistas. Os sofistas se compunham de grupos de mestres que viajavam de cidade em cidade realizando aparições públicas (discursos) para atrair estudantes, de quem cobravam taxas para oferecer-lhes educação. O foco central de seus ensinamentos concentrava-se no logos ou discurso, com foco em estratégias de argumentação.

Os mestres sofistas alegavam que podiam "melhorar" seus discípulos, ou, em outras palavras, que a "virtude" seria passível de ser ensinada. Diversos sofistas questionaram a propalada sabedoria recebida pelos deuses e a supremacia da cultura grega (uma ideia absoluta à época). Argumentavam, por exemplo, que as práticas culturais existiam em função de convenções ou "nomos", e que a moralidade ou imoralidade de um ato não poderia ser julgada fora do contexto

cultural em que aquele ocorreu. Tal posição questionadora levou-os a serem perseguidos, inclusive, por aqueles que se diziam amar a sabedoria: os filósofos gregos.

A conhecida frase "o homem é a medida de todas as coisas" surgiu dos ensinamentos sofistas. Uma das mais famosas doutrinas sofistas é a teoria do contra-argumento.

Eles ensinavam que todo e qualquer argumento poderia ser contraposto por outro argumento, e que a efetividade de um dado argumento residiria na verossimilhança (aparência de verdadeiro, mas não necessariamente verdadeiro) perante uma dada plateia.

Os Sofistas foram os primeiros advogados do mundo, ao cobrar de seus clientes para efetuar suas defesas, dada sua alta capacidade de argumentação. São também considerados por muitos os guardiões da democracia na Antiguidade, na medida em que aceitavam a relatividade da verdade. Hoje, a aceitação do "ponto de vista alheio" é a pedra fundamental da democracia moderna.

O termo sofista significa "grande mestre ou sábio", algo como "super sábios". Para alguns estudiosos, as lições dos sofistas tinham como principal objetivo o desenvolvimento do poder de argumentação, a habilidade retórica, além do conhecimento de pensamentos diferentes, muitas vezes contrários.

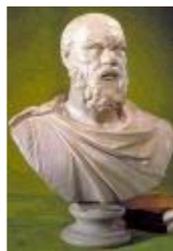
O problema é que com o passar do tempo, na própria história da filosofia, o termo sofista ganhou um sentido pejorativo, passando a significar "enganador" ou "impostor", devido, sobretudo, às críticas de Platão.

Desde então, sofisma tornou-se sinônimo de manipulação, enganação, ilusão, falsidade. Entretanto, abordagens mais recentes sobre a atuação dos sofistas procuram mostrar que o relativismo de suas teses se fundamenta em uma concepção flexível sobre os homens, a sociedade e a compreensão do real.

Para os sofistas, as opiniões humanas são infundáveis e não podem ser reduzidas a uma única verdade. Assim, em concordância com os sofistas, não existiriam verdades absolutas ou valores inegociáveis.

## Capítulo 4

### Sócrates



Sócrates nasceu em Atenas, provavelmente no ano de 470 a.C. e tornou-se um dos principais pensadores da Grécia Antiga.

Podemos afirmar que Sócrates fundou o que conhecemos hoje por filosofia ocidental.

Foi influenciado pelo conhecimento de outro importante filósofo grego: Anaxágoras. Seus primeiros estudos e pensamentos discorrem sobre a essência da natureza da alma humana.

Era considerado pelos seus contemporâneos um dos homens mais sábios e inteligentes.

Em seus pensamentos, demonstra uma necessidade grande de levar o conhecimento para os cidadãos gregos. Seu método de transmissão de conhecimentos e sabedoria era o diálogo.

Através da palavra, o filósofo tentava levar o conhecimento sobre as coisas do mundo e do ser humano.

Conhecemos seus pensamentos e ideias através das obras de dois de seus discípulos: Platão e Xenofontes. Infelizmente, Sócrates não deixou por escrito seus pensamentos.

Não foi muito bem aceito por parte da aristocracia grega, pois defendia algumas ideias contrárias ao funcionamento da sociedade grega. Criticou muitos aspectos da cultura grega, afirmando que muitas tradições, crenças religiosas e costumes não ajudavam no desenvolvimento intelectual dos cidadãos gregos.

Em função de suas ideias inovadoras para a sociedade, começa a atrair a atenção de muitos jovens atenienses. Suas qualidades de orador e sua inteligência também colaboraram para o aumento de sua popularidade.

Temendo algum tipo de mudança na sociedade, a elite mais conservadora de Atenas começa a encarar Sócrates como um inimigo público e um agitador em potencial.

Foi preso, acusado de pretender subverter a ordem social, corromper a juventude e provocar mudanças na religião grega. Em sua cela, foi condenado a suicidar-se tomando um veneno chamado cicuta, em 399 a.C.

### Método de Sócrates

É a parte polêmica. Insistindo no perpétuo fluxo das coisas e na variabilidade extrema das impressões sensitivas determinadas pelos indivíduos que de contínuo se transformam, concluíram os sofistas pela impossibilidade absoluta e objetiva do saber.

Sócrates restabelece-lhe a possibilidade, determinando o verdadeiro objeto da ciência.

O objeto da ciência não é o sensível, o particular, o indivíduo que passa; é o inteligível, é o conceito que se exprime pela definição.

Este conceito ou ideia geral obtém-se por um processo dialético por ele chamado indução e que consiste em comparar vários indivíduos da mesma espécie, eliminar-lhes as diferenças individuais, as qualidades mutáveis e reter-lhes o elemento comum, estável, permanente, a natureza, a essência da coisa.

Por onde se vê que a indução socrática não tem o caráter demonstrativo do moderno processo lógico, que vai do fenômeno à lei, mas é um meio de generalização, que remonta do indivíduo à noção universal.

Praticamente, na exposição polêmica e didática destas ideias, Sócrates adotava sempre o diálogo, que revestia uma dúplici forma, conforme se tratava de um adversário a refutar ou de um discípulo a instruir.

No primeiro caso, assumia humildemente a atitude de quem aprende e ia multiplicando as perguntas até colher o adversário presunçoso em evidente contradição e constrangê-lo à confissão humilhante de sua ignorância.

É a ironia socrática. No segundo caso, tratando-se de um discípulo (e era muitas vezes o próprio adversário vencido), multiplicava ainda mais as perguntas, dirigindo-as agora a fim de obter, por indução dos casos particulares e concretos, um conceito, uma definição geral do objeto em questão.

A este processo pedagógico, em memória da profissão materna, Sócrates denominava maiêutica ou engenhosa obstetrícia do espírito, que facilitava a parturição das ideias.

### Doutrinas Filosóficas

A introspecção é o característico da filosofia de Sócrates. Exprime-se no famoso lema conhece-te a ti mesmo – isto é, torna-te consciente de tua ignorância – como sendo o ápice da sabedoria, que é o desejo da ciência mediante a virtude.

E alcançava em Sócrates intensidade e profundidade tais, que se concretizava, se personificava na voz interior divina do gênio ou demônio.

Como é sabido, Sócrates não deixou nada escrito. As notícias que temos de sua vida e de seu pensamento, devemos especialmente aos seus dois discípulos Xenofonte e Platão, de feições intelectuais muito diferentes. Xenofonte, autor de *Anábise*, em seus *Ditos Memoráveis*, legou-nos de preferência o aspecto prático e moral da doutrina do mestre.

Xenofonte, de estilo simples e harmonioso, mas sem profundidade, não obstante a sua devoção para com o mestre e a exatidão das notícias, não entendeu o pensamento filosófico de Sócrates, sendo mais um homem de ação do que um pensador.

Platão, pelo contrário, foi o filósofo que nos deu um retrato histórico quase preciso de Sócrates; nem sempre é fácil discernir o fundo socrático das especulações acrescentadas por Platão. Seja como for, cabe-lhe a glória e o privilégio de ter sido o grande historiador do pensamento de Sócrates, bem como o seu autêntico biógrafo.

Com efeito, pode-se dizer que Sócrates é o protagonista de todas as obras platônicas, embora Platão conhecesse Sócrates já com mais de sessenta anos de idade.

"Conhece-te a ti mesmo" – o lema em que Sócrates cifra toda a sua vida de sábio. O perfeito conhecimento do homem é o objetivo de todas as suas especulações e a moral, o centro para o qual convergem todas as partes da filosofia.

A psicologia serve-lhe de preâmbulo, a teodicéia de estímulo à virtude e de natural complemento da ética.

Em *Psicologia*, Sócrates professa a espiritualidade e imortalidade da alma, distinguindo as duas ordens de conhecimento, sensitivo e intelectual, mas não define o livre arbítrio, identificando a vontade com a inteligência.

Em *Teodicéia*, estabelece a existência de Deus:

- a) com o argumento teológico, formulando claramente o princípio: tudo o que é adaptado a um fim é efeito de uma inteligência;
- b) com o argumento da causa eficiente: se o homem é inteligente, também inteligente deve ser a causa que o produziu;
- c) com o argumento moral: a lei natural supõe um ser superior ao homem, um legislador, que a promulgou e sancionou. Deus não só existe, mas é também providência, governa o mundo com sabedoria e o homem pode propiciá-lo com sacrifícios e orações.

✓ **Moral** – é a parte culminante da sua filosofia. Sócrates ensina o bem pensar para o bem viver. O meio único de alcançar a felicidade ou semelhança com Deus, fim supremo do homem, é a prática da virtude.

A virtude é adquirida com a sabedoria ou, antes, com ela se identifica. Esta doutrina, uma das mais características da moral socrática, é consequência natural do erro psicológico de não distinguir a vontade da inteligência. Conclusão: grandeza moral e penetração especulativa, virtude e ciência, ignorância e vício são sinônimos. "Se músico é o que

sabe música, pedreiro o que sabe edificar, justo será o que sabe a justiça".

Sócrates reconhece também, acima das leis mutáveis e escritas, a existência de uma lei natural – independentemente do arbítrio humano, universal, fonte primordial de todo o direito positivo, expressão da vontade divina promulgada pela voz interna da consciência.

Sublime nos lineamentos gerais de sua ética, Sócrates, em prática, sugere quase sempre a utilidade como motivo e estímulo da virtude. Vejamos agora algumas frases atribuídas a Sócrates:

- ✓ A vida que não passamos em revista não vale a pena viver.
- ✓ A palavra é o fio de ouro do pensamento.
- ✓ Sábio é aquele que conhece os limites da própria ignorância.
- ✓ É melhor fazer pouco e bem, do que muito e mal.
- ✓ Alcançar o sucesso pelos próprios méritos. Vitoriosos os que assim procedem.
- ✓ A ociosidade envelhece, não o trabalho.
- ✓ O início da sabedoria é a admissão da própria ignorância.
- ✓ Chamo de preguiçoso o homem que podia estar melhor empregado.
- ✓ Há sabedoria em não crer saber aquilo que tu não sabes.
- ✓ Não penses mal dos que procedem mal; pense somente que estão equivocados.
- ✓ O amor é filho de dois deuses, a carência e a astúcia.
- ✓ Todo juiz deve ouvir cortesmente, responder sabiamente, ponderar prudentemente e decidir imparcialmente.
- ✓ Sob a direção de um forte general, não haverá jamais soldados fracos.
- ✓ Todo o meu saber consiste em saber que nada sei.

Sócrates logo se tornou muito popular entre os atenienses, pois se utilizando da ironia e da maiêutica relativizou os ensinamentos dos sofistas, dos poetas e de tantos outros considerados sábios pela Grécia Antiga.

Sócrates tinha em mente estimular o autoconhecimento nos interlocutores, mas para isso seria necessário relativizar tudo aquilo que estes possuíam como verdades absolutas, que, em geral, provinham justamente daquilo que os sofistas e os poetas (desde Homero e Hesíodo até os autores das tragédias) afirmavam como verdadeiro.

Ora, para conseguir relativizar as verdades, Sócrates seria obrigado a adentrar as mais variadas polêmicas, como: qual o conceito de justiça? Qual o valor da religião? O que é virtude? O que é verdade?

No entanto, o modo como Sócrates abordava essas questões era tão envolvente que rapidamente conquistou seguidores e popularidade. Assim, o filósofo passou a despertar inveja e raiva nas autoridades políticas. Esse movimento foi decisivo, pois acarretou na abertura de um processo judicial contra o filósofo, concluído com a sua condenação à morte em 399 a.C.

O processo contra Sócrates foi eternizado ao ser registrado numa sequência de quatro diálogos escritos por Platão: Eutífron, que traz uma discussão sobre o valor da religião e o sentido da religiosidade, pois Sócrates era acusado de não acreditar nos deuses gregos e introduzir divindades novas; Apologia de Sócrates, que apresenta a sua defesa perante o Tribunal Ateniense diante das acusações que lhe foram feitas; Críton, que se desenrola entre o julgamento e sua condenação, quando um amigo lhe procura dizendo que possui meios para tirá-lo clandestinamente de lá e assim salvá-lo da morte, (proposta veementemente recusada pelo filósofo); e Fédon, que traz o último diálogo antes de sua morte.

### Compreensão

1. Perguntando sempre “o que é...?”, Sócrates se põe a serviço da verdade em busca de definições claras e únicas sobre aquilo que determina as ações humanas. De acordo com o estudado, explique a atitude de Sócrates expressa no trecho anterior e sua importância para a filosofia.

---

---

---

---

---

---

2. A verdade, porém, é outra, ó atenienses: quem sabe é apenas o deus, e ele quer dizer, por intermédio de seu oráculo, que muito pouco ou nada vale a sabedoria do homem, e, ao afirmar que Sócrates é sábio, não se refere propriamente a mim, Sócrates, mas só usa meu nome como exemplo, como se tivesse dito: “Ó homens, é muito sábio entre vós aquele que, igualmente a Sócrates, tenha admitido que sua sabedoria não possua valor algum”.

PLATÃO. Apologia de Sócrates. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Coleção Os Pensadores. p. 73.

Redija um texto explicando qual é a verdadeira educação segundo Sócrates e como o conhecimento pode ser alcançado.

---

---

## Capítulo 5

### Platão



Este importante filósofo grego nasceu em Atenas, provavelmente em 427 a.C. e morreu em 347 a.C. Foi um dos principais pensadores gregos, pois influenciou profundamente a filosofia ocidental.

Suas ideias baseiam-se na diferenciação do mundo entre as categorias intelectuais (mundo das idéias, relacionados à razão, à inteligência) e as categorias sensíveis (percebidas pelos sentidos, no mundo físico, como seres vivos e a matéria em geral).

Filho de uma família de aristocratas, Platão começou seus trabalhos filosóficos após estabelecer contato com outro importante pensador grego: Sócrates. Platão torna-se seguidor e discípulo de Sócrates. Em 387 a.C, fundou a Academia, uma escola de filosofia com o propósito de recuperar e desenvolver as idéias e pensamentos socráticos.

Convidado pelo rei Dionísio, passa um bom tempo em Siracusa, ensinando filosofia na corte. Ao voltar para Atenas, passa a administrar e comandar a Academia, destinando mais energia no estudo e na pesquisa em diversas áreas do conhecimento: ciências, matemática, retórica (arte de falar em público), além da filosofia.

Suas obras mais importantes e conhecidas são: *Apologia de Sócrates*, em que valoriza os pensamentos do mestre; *O Banquete*, no qual fala sobre o amor de uma forma dialética; e *A República*, onde analisa a política grega, a ética, o funcionamento das cidades, a cidadania e questões sobre a imortalidade da alma.

Se formos pensar nas diferenças essenciais entre o discípulo Platão e seu mestre Sócrates, indicaríamos que o primeiro registrou seus pensamentos em livros e na forma de diálogos, enquanto o segundo não escrevia suas reflexões; Platão transmitia seus ensinamentos apenas a seus discípulos, nas aulas em sua famosa Academia, enquanto Sócrates ensinava nas praças públicas, em conversação direta com os cidadãos atenienses.

### Ideias de Platão para a Educação

Platão valorizava os métodos de debate e conversação como formas de alcançar o conhecimento. De acordo com Platão, os alunos deveriam descobrir as coisas superando os problemas impostos pela vida. A educação deveria funcionar como forma de desenvolver o homem moral.

A Educação deveria dedicar esforços para o desenvolvimento intelectual e físico dos alunos.

3. [...] enquanto tiver ânimo e puder fazê-lo, jamais deixarei de filosofar, de vos advertir, de ensinar em toda ocasião àquele de vós que eu encontrar, dizendo-lhe o que costume: “Meu caro, tu, um ateniense, da cidade mais importante e mais reputada por sua sabedoria, não te envergonhas de cuidares de adquirir o máximo de riquezas, fama e honrarias, e de não te importares nem pensares na razão, na verdade e em melhorar tua alma?” E se algum de vós responder que se importa, não irei embora, mas hei de o interrogar, examinar e refutar e, se me parecer que afirma ter adquirido a virtude sem a ter, hei de repreendê-lo por estimar menos o que vale mais e mais o que vale menos [...].

De acordo com o texto e com o estudado sobre Sócrates, explique o que o filósofo quer dizer ao afirmar que os homens deveriam “melhorar sua alma”.

4. A filosofia socrática se baseia, fundamentalmente, nas ideias do “Conhece-te a ti mesmo” e do “Só sei que nada sei”.

Explique, a partir do estudado sobre Sócrates, o significado dessas frases.

5. [...] E tais conhecimentos foram despertados nele como de um sono; e creio que se alguém lhe fizer repetidas vezes e de várias maneiras perguntas a propósito de determinados assuntos, ele acabará tendo uma ciência tão exata como qualquer pessoa da tua sociedade [...] Ele acabará sabendo, sem ter possuído mestre, graças a simples interrogações, extraindo o conhecimento de seu próprio íntimo [...].

Relacione a citação anterior com a Maiêutica Socrática.

Aulas de retórica, debates, educação musical, geometria, astronomia e educação militar. Para os alunos de classes menos favorecidas, Platão dizia que deveriam buscar um trabalho a partir dos 13 anos de idade. Afirmava também que a educação da mulher deveria ser a mesma educação aplicada aos homens.

### Fases dos Diálogos

Os ensinamentos de Platão foram escritos em forma de diálogo, de uma conversa ou um debate entre várias pessoas.

Seus diálogos são divididos em três fases. A primeira fase é representada com Platão tentando comunicar a filosofia de Sócrates. Muito dos diálogos tem a mesma forma. Sócrates encontra alguém que diz que sabe muito. Sócrates se diz ignorante diante da procura de conhecimento e faz várias perguntas, mostrando que aquele que se dizia mestre no assunto realmente não sabe nada.

Os diálogos da segunda e terceira fase relatam as próprias ideias de Platão, por mais que ele continue a utilizar Sócrates como personagem em seus diálogos.

Há várias propostas de classificações das obras de Platão, e outra entre elas é a que as divide em quatro fases, conforme os períodos de sua vida: diálogos da juventude, de transição, da maturidade e da velhice.

Os diálogos da juventude, ou socráticos, são conhecidos por narrarem acontecimentos reais da vida de Sócrates. A confissão de ignorância por parte de Sócrates, nesses diálogos, pretende indicar que, antes de se partir em busca da verdade em coisas e situações externas, é indispensável conhecer a si mesmo.

Os diálogos de transição caracterizam-se pelo início da filosofia verdadeiramente platônica, isto é, deixa de apenas registrar vivências de seu mestre e passa a desenvolver alguns de seus próprios argumentos.

Nos diálogos da maturidade, Platão conquista sua autonomia intelectual, passando a desenvolver sua própria filosofia. É nesse período que são apresentadas obras como *A República*.

Os diálogos da velhice se caracterizam pela revisão crítica de seu pensamento. O filósofo analisa novamente as principais temáticas abordadas em obras anteriores e, por vezes, inclusive, muda de concepção sobre alguns assuntos.

### Teoria das Formas

A parte central da filosofia de Platão é a teoria das formas, ou o mundo das ideias. Ideias ou formas são arquétipos imutáveis.

De acordo com Platão só essas ideias ou formas são constantes e reais. Platão divide o mundo em

duas partes – o mundo das ideias, onde tudo é constante e real, e o mundo físico em que vivemos, onde o fluxo é constante e a realidade é relativa.

As formas, então, mantêm a ordem e a estrutura das ideias do mundo.

Platão distinguiu entre dois níveis de saber: opinião e conhecimento. Afirmações relacionadas com o mundo físico, Platão as considerava uma opinião, mesmo que estivessem baseadas na lógica ou na ciência.

Segundo Platão, o conhecimento é derivado da razão e não da experiência. Ele pregava que somente através da razão atingimos o conhecimento das formas. É neste sentido que ele se torna uma das principais bases do Racionalismo do século XVII.

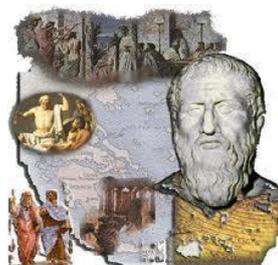
Platão diz que as formas possuem uma realidade que vai além do mundo físico por causa de sua perfeição e estabilidade. O mundo físico se parece com as formas, mas devido a constantes mudanças nunca chega a sua perfeição.

Um exemplo para entender a diferença entre o mundo das formas e o mundo físico é dado por Platão em termos matemáticos. Devido ao mundo das formas, temos a concepção de um círculo perfeito – totalmente redondo composto de uma série de pontos que apresentam exatamente a mesma distância do ponto central.

No mundo físico, porém, essa figura não é vista. Círculos nunca são desenhados perfeitamente. A ideia do círculo existe e é imutável, porém, ela só pode ser conhecida pela razão e não pela experiência do círculo perfeito no mundo físico.

Platão aplica sua teoria a conceitos como beleza, justiça, bondade, entre outros. A pessoa é bela ou justa por que nela há algo que se parece com a forma do belo ou do justo, presente no mundo das ideias. O amor no mundo das ideias também é perfeito, daí vem a expressão amor platônico, utilizada nos dias de hoje.

### Teoria Política



*A República* é a maior e mais reconhecida obra política de Platão. A obra se foca na questão de justiça: Como é um Estado justo? Quem é um indivíduo justo?

Em nossa leitura, a expressão “Estado Ideal” será constante. Para Platão, Estado Ideal é o modelo do Estado perfeito. Isso quer dizer que em *A República* o filósofo apresenta o processo de construção do modelo de um Estado perfeito.

Poderíamos nos perguntar: qual a finalidade disso se Estados não são perfeitos? Não seria mais válido estudar os nossos Estados imperfeitos, pois estes de fato existem?

Ora, o Estado Ideal é uma dialética com os Estados existentes. Para aprimorarmos nossos Estados temos que entender como ele seria em sua perfeição, para, assim, pouco a pouco, melhorarmos aquele Estado em que vivemos.

Além disso, “ideal” vem de ideia que, expressa a essência, a forma perfeita de cada coisa. Ou seja, o Estado Ideal é o Estado construído conforme a ideia, a forma perfeita do Estado.

Todos os Estados existentes são Estados que se encontram no mundo sensível, e, portanto, são apenas cópias do Estado Ideal, formas corrompidas da perfeição de Estado.

O Estado se forma com os cidadãos e sua prosperidade depende da ação destes, sendo necessário para seu progresso que as pessoas se guiem por suas almas, ou seja, pela faculdade intelectual que possibilita o acesso à Ideia, tornando o Estado reflexo da alma de seus cidadãos.

A construção do Estado Ideal tem como ponto de partida os Livros I e II de *A República*, que são dedicados à discussão sobre o que é a justiça. Isso porque inevitavelmente o Estado Ideal precisaria ser, acima de tudo, um Estado justo. Mas como poderíamos formular um estado justo sem antes encontrarmos o que vem a ser justiça?

Quando há escândalos de corrupção envolvendo políticos, quando não estamos satisfeitos com uma decisão proferida pelo juiz em um processo judicial, sempre exclamamos: “não foi justo”! Parece que, de algum modo, as pessoas concordem que a justiça é a base da organização social e do Estado, que sem ela as coisas não podem ir bem.

Segundo Platão, a melhor forma de governo é a aristocracia por mérito. Platão divide o Estado Ideal em três classes: a classe dos comerciantes, a classe dos militares e a classe dos filósofos-reis.

Os filósofos-reis são encarregados de governar o país. As classes não são hereditárias, elas são determinadas pelo tipo de educação obtida pela pessoa. Com maior nível de educação a pessoa pertence à classe dos filósofos-reis.

A República aborda diversos temas sobre justiça, governo e apresenta um governo utópico. Essa obra vem sendo amplamente lida através dos séculos, por mais que suas propostas nunca tenham sido adotadas como uma forma concreta de governo.

Platão, ao analisar as cidades de sua época, apresenta quatro formas de governo: a timocracia (formação do cidadão guerrilheiro, como em Esparta), a oligarquia (governo de poucos, de membros de uma única classe social, geralmente, a

dominante economicamente), a democracia (governo do povo, no qual há liberdade extrema) e a tirania (governo absoluto, sem lei, ditatorial).

A apresentação das formas de governo, que denunciam o fato de todos os Estados serem governos imperfeitos, nos conduz à seguinte reflexão: Como deve ser o governo? Quem deve governar? A resposta de Platão é emblemática e polêmica: o Filósofo!

Mas como o Filósofo pode ser o governante? Ora, se a parte mais nobre da alma é a parte racional, e se aquele que cultiva a alma racional de modo mais profundo é o Filósofo, e se o Filósofo é aquele que se dedica a procurar o Bem e a Verdade acima de tudo, tal definição já não deveria causar tanto espanto.

Para Platão, os filósofos precisam se tornar governantes ou os governantes se tornar filósofos. Em outras palavras, aquele que está no poder deve se portar como filósofo. Ou ainda, deve articular sua função política em administrar um Estado na perspectiva filosófica. E qual seria esta?

Já comentamos sobre ela quando apresentamos a virtude da sabedoria. O filósofo contempla a cidade em sua totalidade. Ele teve uma formação que o obrigou a aprender as variadas artes e ciências, a ter um cultivo estético, a dominar a arte militar e a combater como um verdadeiro soldado se fosse necessário. O filósofo teve muitos anos da vida dedicados à oportunidade de se tornar governante.

Poderíamos pensar que Sócrates fosse um modelo de Rei-Filósofo. O mestre de Platão teve formação completa, pois dominava com excelência as artes da retórica e da dialética, bem como possuía as virtudes da sabedoria, da temperança e da justiça, como constatamos ao ler os diálogos sobre ele.

Além disso, Sócrates também foi guerreiro e combateu em guerras, interiorizando a virtude da coragem. E certamente foi grande filósofo, conhecendo as necessidades dos indivíduos e da cidade como ninguém em seu tempo. É possível que possamos ver em Sócrates algo daquilo que seria o Rei-Filósofo.

## O Mito da Caverna

O Mito da Caverna narrado por Platão no livro VII do República é, talvez, uma das mais poderosas metáforas imaginadas pela filosofia, em qualquer tempo, para descrever a situação geral em que se encontra a humanidade.

Para o filósofo, todos nós estamos condenados a ver sombras a nossa frente e tomá-las como verdadeiras. Essa poderosa crítica à condição dos homens, escrita há quase 2500 anos atrás, inspirou

e ainda inspira inúmeras reflexões pelos tempos a fora. Leiamos a história:

Imaginemos uma caverna subterrânea onde, desde a infância, geração após geração, seres humanos estão aprisionados. Suas pernas e seus pescoços estão algemados de tal modo que são forçados a permanecer sempre no mesmo lugar e a olhar apenas para frente, não podendo girar a cabeça nem para trás nem para os lados. A entrada da caverna permite que alguma luz exterior ali penetre, de modo que se possa, na semiobscuridade, enxergar o que se passa no interior.

A luz que ali entra provém de uma imensa e alta fogueira externa. Entre ela e os prisioneiros - no exterior, portanto - há um caminho ascendente ao longo do qual foi erguida uma mureta, como se fosse a parte fronteira de um palco de marionetes. Ao longo dessa mureta-palco, homens transportam estatuetas de todo tipo, com figuras de seres humanos, animais e todas as coisas.

Por causa da luz da fogueira e da posição ocupada por ela, os prisioneiros enxergam na parede do fundo da caverna as sombras das estatuetas transportadas, mas sem poderem ver as próprias estatuetas, nem os homens que as transportam.

Como jamais viram outra coisa, os prisioneiros imaginam que as sombras vistas são as próprias coisas. Ou seja, não podem saber que são sombras, nem podem saber que são imagens (estatuetas de coisas), nem que há outros seres humanos reais fora da caverna. Também não podem saber que enxergam porque há a fogueira e a luz no exterior e imaginam que toda a luminosidade possível é a que reina na caverna.

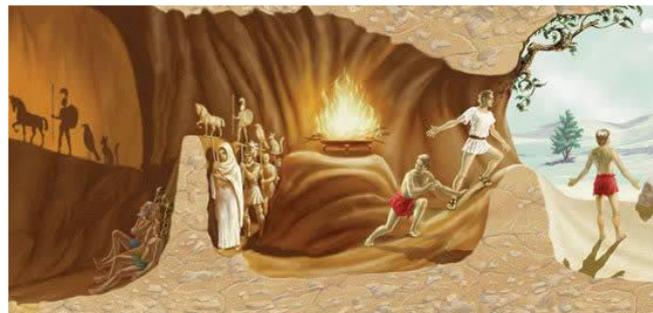
Que aconteceria, indaga Platão, se alguém libertasse os prisioneiros? Que faria um prisioneiro libertado? Em primeiro lugar, olharia toda a caverna, veria os outros seres humanos, a mureta, as estatuetas e a fogueira. Embora dolorido pelos anos de imobilidade, começaria a caminhar, dirigindo-se à entrada da caverna e, deparando com o caminho ascendente, nele adentraria.

Num primeiro momento, ficaria completamente cego, pois a fogueira na verdade é a luz do sol, e ele ficaria inteiramente ofuscado por ela. Depois, acostumando-se com a claridade, veria os homens que transportam as estatuetas e, prosseguindo no caminho, enxergaria as próprias coisas, descobrindo que, durante toda sua vida, não vira senão sombras de imagens (as sombras das estatuetas projetadas no fundo da caverna) e que somente agora está contemplando a própria realidade.

Libertado e conhecedor do mundo, o prisioneiro regressaria à caverna, ficaria desorientado pela

escuridão, contaria aos outros o que viu e tentaria libertá-los.

Que lhe aconteceria nesse retorno? Os demais prisioneiros zombariam dele, não acreditariam em suas palavras e, se não conseguissem silenciá-lo com suas caçoadas, tentariam espancá-lo, e, se mesmo assim, ele teimasse em afirmar o que viu e os convidasse a sair da caverna, certamente acabariam por matá-lo.



Se por um acaso, segue Platão na sua narrativa, alguém resolvesse libertar um daqueles pobres diabos da sua pesarosa ignorância e o levasse ainda que arrastado para longe daquela caverna, o que poderia então suceder-lhe?

Num primeiro momento, chegando do lado de fora, ele nada enxergaria, ofuscado pela extrema luminosidade do exuberante Hélio, o Sol, que tudo pode, que tudo provê e tudo vê.

Mas, depois aclimatado, ele iria desvendando aos poucos, como se fosse alguém que lentamente recuperasse a visão, as manchas, as imagens, e, finalmente, uma infinidade outra de objetos maravilhosos que o cercavam.

Assim, ainda estupefato, ele se depararia com a existência de outro mundo, totalmente oposto ao do subterrâneo em que fora criado. O universo da ciência (gnose) e o do conhecimento (episteme), por inteiro, se escancarava perante ele, podendo vislumbrar um mundo em formas perfeitas.

### Frases de Platão

- ✓ "O belo é o esplendor da verdade".
- ✓ "O que mais vale não é viver, mas viver bem".
- ✓ "Vencer a si próprio é a maior de todas as vitórias".
- ✓ "Praticar injustiças é pior que sofrê-las".
- ✓ "A harmonia se consegue através da virtude".
- ✓ "Teme a velhice, pois ela nunca vem só".
- ✓ "A educação deve possibilitar ao corpo e à alma toda a perfeição e a beleza que podem ter".



## Compreensão

1. (UFMG) Leia este trecho:

A educação, disse eu, seria uma arte da reviravolta, uma arte que sabe como fazer o olho mudar de orientação do modo mais fácil e mais eficaz possível; não a arte de produzir nele o poder de ver, pois ele já o possui, sem ser corretamente orientado e sem olhar na direção que deveria, mas a arte de encontrar o meio para reorientá-lo.

PLATÃO. *República*. VII 518D.

Na imagem proposta por Platão, sair da caverna representa a Educação como uma reviravolta.

Com base na leitura desse trecho e em outras informações presentes nessa obra, redija um texto explicando o que significa essa reviravolta.

---

---

---

---

---

2.

**Sócrates** – Tomemos como princípio que todos os poetas, a começar por Homero, são simples imitadores das aparências da virtude e dos outros assuntos de que tratam, mas que não atingem a verdade. São semelhantes nisso ao pintor de que falávamos há instantes, que desenhará uma aparência de sapateiro, sem nada entender de sapataria, para pessoas que, não percebendo mais do que ele, julgam as coisas segundo a aparência?

**Glauco** – Sim.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997. p. 328.

De acordo com o estudado sobre Platão, redija um texto explicando qual é a sua crítica às artes e fundamente o texto com argumentos da teoria do conhecimento de Platão.

---

---

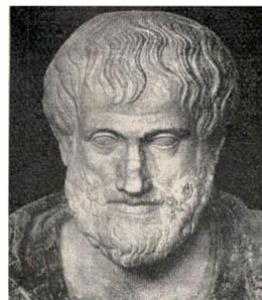
---

---

---

## Capítulo 6

### Aristóteles



Aristóteles, o último grande pensador da filosofia grega, nasceu em 384 a.C., na cidade antiga de Estagira, e morreu em 322 a.C., na Macedônia.

Seus pensamentos filosóficos e ideias sobre a humanidade têm influências significativas na educação e no pensamento ocidental contemporâneo.

Aristóteles é considerado o criador do pensamento lógico. Suas obras influenciaram também na teologia medieval da cristandade.

Aristóteles foi viver em Atenas aos 17 anos, onde conheceu Platão, tornando seu discípulo. Passou o ano de 343 a.C. como preceptor do imperador Alexandre, o Grande, da Macedônia.

Fundou em Atenas, no ano de 335 a.C, a escola Liceu, voltada para o estudo das ciências naturais. Seus estudos filosóficos baseavam-se em experimentações para comprovar fenômenos da natureza.

O filósofo valorizava a inteligência humana, única forma de alcançar a verdade. Fez escola e seus pensamentos foram seguidos e propagados pelos discípulos.

Pensou e escreveu sobre diversas áreas do conhecimento: política, lógica, moral, ética, teologia, pedagogia, metafísica, didática, poética, retórica, física, antropologia, psicologia e biologia. Publicou muitas obras de cunho didático, principalmente para o público geral.

Valorizava a Educação e a considerava uma das formas do crescimento intelectual e humano. Sua grande obra é o livro *Organon*, que reúne grande parte de seus pensamentos.

### O mundo da experiência

Para Aristóteles, existe um único mundo: este em que vivemos. Só nele encontramos bases sólidas para empreender investigações filosóficas. Aliás, é o nosso deslumbramento com este mundo que nos leva a filosofar, para conhecê-lo e entendê-lo.

Aristóteles sustenta que o que está além de nossa experiência não pode ser nada para nós. Nesse sentido, ele não acreditava e não via razões para acreditar no mundo das ideias ou das formas ideais platônicas.

Porém, conhecer o mundo da experiência, "concreto", foi um desejo ao qual Aristóteles se entregou apaixonadamente. Assim, ele descreveu os campos básicos da investigação da realidade e deu-

lhes os nomes com que são conhecidos até os nossos dias: lógica, física, política, economia, psicologia, metafísica, meteorologia, retórica e ética.

Aliás, ele inventou também os termos técnicos dessas disciplinas e eles também se mantêm em uso desde então. Exemplos? Energia, dinâmica, indução, demonstração, substância, essência, propriedade, categoria, proposição, tópico etc.

### O que é o ser?

Filósofo que sistematizou a lógica, Aristóteles definiu as formas de inferência que são válidas e as que não são, além de nomeá-las. Durante dois milênios, estudar lógica significou estudar a lógica aristotélica.

Aristóteles aplicou a lógica, antes de mais nada, para responder a uma questão que lhe parecia a mais importante de todas: o que é ser?, ou, em outras palavras, o que significa existir? Primeiramente, o filósofo constatou que as coisas não são a matéria de que se constituem.

Por exemplo, uma pilha de telhas, outra de tijolos, vigas e colunas de madeira não são uma casa. Para se tornarem casa, é necessário que estejam reunidas de um modo determinado, numa estrutura muito específica e detalhada. Essa estrutura é a casa; e os materiais, embora necessários, podem variar.

Com o tempo, nosso corpo está em constante mutação – transforma-se da infância para a adolescência, desta para a idade adulta e, finalmente, para a velhice. Nem por isso deixamos de ser nós mesmos.

Da mesma maneira, um cão é um cão em virtude de uma organização e estrutura que ele compartilha com outros cães e que o diferencia de outros animais que também são feitos de carne, pelos, ossos, sangue.

### As quatro causas

Para Aristóteles, uma coisa é o que é devido à sua forma. Como, porém, o filósofo entende essa expressão? Ele compreende a forma como a explicação da coisa, a causa de algo ser aquilo que é. Na verdade, Aristóteles distingue a existência de quatro causas diferentes e complementares:

- ✓ **Causa Material** – de que a coisa é feita? São os tijolos, no exemplo.
- ✓ **Causa Eficiente** – o que fez a coisa? A construção.
- ✓ **Causa Formal** – o que lhe dá a forma? A própria casa.
- ✓ **Causa Final** – qual a sua finalidade? A intenção do construtor.

Embora Aristóteles não seja materialista (vimos que a forma não é a matéria), sua explicação do mundo é mundana, está no próprio mundo. Finalmente, para o filósofo, a essência de qualquer objeto é a sua função. Diz ele que, se o olho tivesse uma alma, esta seria o olhar; se um machado tivesse uma alma, esta seria o cortar. Entendendo isso, entendemos as coisas.

Mas, o pensamento aristotélico não se limitou a essa área da filosofia que podemos chamar de teoria do conhecimento ou epistemologia. Deixando de lado os domínios que deram origem a outras ciências e nos limitando à filosofia propriamente dita, Aristóteles ainda refletiu sobre a ética, a política e a poética (que, no caso, compreende não apenas a poesia, mas a obra literária e teatral).

### Ética e Política

No campo da ética, segundo Aristóteles, todos nós queremos ser felizes no sentido mais pleno dessa palavra. Para obter a felicidade, devemos desenvolver e exercer nossas capacidades no interior do convívio social.

Aristóteles acredita que a autoindulgência e a autoconfiança exageradas criam conflitos com os outros e prejudicam nosso caráter. Contudo, inibir esses sentimentos também seria prejudicial. Vem daí sua célebre doutrina do justo meio, pela qual a virtude é um ponto intermediário entre dois extremos, os quais, por sua vez, constituem vícios ou defeitos de caráter.

Por exemplo, a generosidade é uma virtude que se situa entre o esbanjamento e a mesquinha. A coragem fica entre a imprudência e a covardia; o amor-próprio, entre a vaidade e a falta de autoestima, o desprezo por si mesmo. Nesse sentido, a ética aristotélica é uma ética do comedimento, da moderação, do afastamento de todo e qualquer excesso.

Para Aristóteles, é a ética que conduz à política. Segundo o filósofo, governar é permitir aos cidadãos viver a vida plena e feliz eticamente alcançada. O Estado, portanto, deve tornar possível o desenvolvimento e a felicidade do indivíduo. Por fim, o indivíduo só pode ser feliz em sociedade, pois o homem é, mais do que um ser social, um animal político, ou seja, que precisa estabelecer relações com outros homens.

A influência da filosofia aristotélica no pensamento ocidental não se resume às investigações sobre a teoria do conhecimento. Neste sentido, a filosofia prática de Aristóteles não busca postular como o homem pode conhecer ou como pensar, mas como agir, como alcançar a própria realização na existência.

Assim, sua filosofia prática aristotélica divide-se em ética e política, sendo que cada uma é trabalhada em obra própria, diferentemente do

mestre Platão, que articulava ambas simultaneamente em várias obras. Assim, A República abordava tanto questões éticas como o conceito de justiça e a formação pelas virtudes, como assuntos políticos, tais como a crítica às formas de governo existentes.

A ética de Aristóteles é desenvolvida em três obras: *Ética Eudêmia*, *Grande Ética* e *Ética a Nicômaco*. A mais importante é a última, ficando célebre como a ética aristotélica. Já a política de Aristóteles é apresentada na obra *Política*.

A obra *Política* é um dos primeiros tratados sistemáticos sobre as relações políticas, de poder etc. Alguns estudiosos afirmam que a *Política* é praticamente uma obra de ciência política, no sentido atual do termo.

Se a ética aristotélica visa levar o indivíduo à felicidade individual, mas para isso precisa passar pela interação com os outros, a política aristotélica tem por finalidade alcançar o bem comum, isto é, gerar felicidade e desenvolvimento a todos.

A origem do Estado está na necessidade natural do homem em buscar a felicidade. A comunidade mais primitiva é a família, na qual alguns indivíduos se unem para facilitar as atividades básicas de sobrevivência. Quando várias famílias se unem, forma-se a aldeia. A união de várias aldeias conduz à criação do Estado.

Com isso, Aristóteles afirma que é errado entender o Estado como criação artificial do homem, mas sim como uma necessidade natural, pois somente no Estado o homem pode ser realmente feliz, somente ali pode desenvolver todas as suas potencialidades.

Isso é de tal forma importante que, para o filósofo, o homem é um “animal político” – além de animal racional –, e que o indivíduo que não vive em comunidade ou é uma besta ou um deus, pois ou está muito abaixo das potencialidades humanas ou muito acima delas.

Aristóteles também critica Platão e sua noção de Estado ideal. Para o estagirista, o Estado ideal, ainda que fosse possível de ser alcançado, não era em sua totalidade desenhado como previra Platão. Entre as várias críticas é possível citar a rejeição de Platão à propriedade privada.

Para Aristóteles, elas são fontes de prazeres, pois são obtidas com o labor e a dedicação do cidadão. De qualquer forma, concorda que deve haver uma educação a incentivar os indivíduos a não procurarem de modo excessivo a riqueza.

Assim, a política de Aristóteles reveste-se do mesmo realismo que se revela no restante da filosofia aristotélica.

Diferentemente de Platão, Aristóteles está sempre mais preocupado não em realizar o ideal, a

perfeição, mãos o melhor possível, aquilo que está acessível ao homem aqui e agora. Mas válido que arquitetar um Estado ideal é analisar os vários Estados reais existentes e, a partir daí, pensar formas de aprimorá-los.

Uma das contribuições mais importante é a ideia de cidadão ligada à democracia que, para Aristóteles, consiste em ser a forma de governo em que os cidadãos alternam-se entre serem governantes e governados periodicamente. Cada indivíduo teria direito a emitir sua opinião nas Assembleias e nos Tribunais.

Segundo Aristóteles, nos livros VII e VIII da *Ética a Nicômaco*, o Estado precisa ser populoso o suficiente para garantir que todos possam satisfazer suas necessidades, mas não tão populoso a ponto de ameaçar a ordem e o bom governo. Em dimensões territoriais, o Estado não pode ser tão pequeno nem tão grande.

Se muito pequeno, haveria poucas possibilidades de os cidadãos desfrutarem de cultura e outras artes, pois existiria pouca disponibilidade; se muito grande, incentivaria a busca pelo luxo excessivo.

Para Aristóteles, a felicidade do cidadão e do Estado é indissociável. Não há Estado justo e feliz sem cidadãos prosperando.

Os indivíduos não são preparados para fazerem funcionar a máquina do Estado, mas para aprimorarem a cidade, e assim fazerem o mesmo com as próprias vidas.

### O papel da Arte

A poética tem, para Aristóteles, um papel importantíssimo nisso, na medida em que é a arte – em especial a tragédia – que nos proporciona as grandes noções sobre a vida, por meio de uma experiência emocional.

Identificamo-nos com os personagens da tragédia e isso nos proporciona a catarse, uma descarga de desordens emocionais que nos purifica, seja pela piedade ou pelo terror que o conflito vivido pelas personagens desperta em nós.

Tudo isso é, evidentemente, um resumo ultra sintético do pensamento aristotélico. Sua obra é gigantesca, apesar de a maior parte dela ter se perdido ao longo dos tempos.

O que chegou até nós, corresponde a 1/5 de sua produção. São notas suas e de seus discípulos que passaram nas mãos de estudiosos da Antiguidade e da Idade Média (parte deles em países islâmicos) e que foram reorganizadas pela posteridade.

Principalmente em função disso, a leitura de Aristóteles é difícil e seus textos não possuem a qualidade artística que encontramos nas obras de Platão.

## Frases de Aristóteles

- ✓ "O verdadeiro discípulo é aquele que consegue superar o mestre."
- ✓ "A principal qualidade do estilo é a clareza."
- ✓ "O homem que é prudente não diz tudo quanto pensa, mas pensa tudo quanto diz."
- ✓ "O homem livre é senhor de sua vontade e somente escravo de sua própria consciência."
- ✓ "Devemos tratar nossos amigos como queremos que eles nos tratem."
- ✓ "O verdadeiro sábio procura a ausência de dor, e não o prazer."

## Compreensão

1. Todos os homens, por natureza, desejam conhecer. Sinal disso é o prazer que nos proporcionam os nossos sentidos; pois, ainda que não levemos em conta a sua utilidade, são estimados por si mesmos; e, acima de todos os outros, o sentido da visão. [...] Por outro lado, não identificamos nenhum dos sentidos com a sabedoria, se bem que eles nos proporcionem o conhecimento mais fidedigno do particular. Não nos dizem, contudo, o porquê de coisa alguma.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 36 e 38.

Redija um texto caracterizando e explicando o tipo de conhecimento expresso no trecho anterior.

---



---



---



---

2. (UFMG) Leia este trecho:

[...] aquele que não faz parte de cidade alguma [ápolis], por natureza e não por acaso, é inferior ou superior a um homem.

ARISTÓTELES. *Política*. 1253a.

Com base na leitura desse trecho e em outras informações presentes nessa obra de Aristóteles, redija um texto justificando, do ponto de vista do autor, essa afirmação.

---



---



---



---



---

## Capítulo 7

### Filosofia Helenística

O jovem imperador Alexandre foi aluno de Aristóteles e, ensinado a admirar os filósofos, visitou Diógenes de Sinope (412-323a.C.) em seu habitat próprio: a rua. Vendo que Diógenes estava ali, no chão, quase como um mendigo, não perdeu tempo em dizer-lhe que ele poderia pedir o que desejasse.

Diógenes não se fez de rogado, e pediu que Alexandre saísse um pouco de sua frente, pois estava colocando-se entre ele e o Sol, atrapalhando seu banho solar matinal.

Há quem conte essa história como mera anedota, sempre desprezando esses pequenos fatos pitorescos da vida dos filósofos. Mas, verídicos ou não, casos como este, em relação a determinados filósofos, devem ser levados a sério.

Diferentemente da tradição de ensino filosófico que emergiu de Platão, de Aristóteles e dos estoicos (afeita ao desenvolvimento da filosofia a partir da leitura dos textos doutrinários, e também distinta da tradição epicurista – preocupada em mesclar nos ensinamentos tanto os textos quanto as referências orais ao comportamento de Epicuro), os filósofos da escola cínica tiveram como hábito a referência à vida exemplar, não raro contada de forma oral.

As histórias da vida de um dos principais filósofos da escola cínica, Diógenes, sempre fizeram parte do que os cínicos tinham de contar para outros na sua educação filosófica. Levando em consideração essa regra, o filósofo francês Michel Foucault escreveu que, no episódio ocorrido entre Diógenes e Alexandre, havia mais do que o simples desdém do sábio diante do poder do imperador.

Havia, decerto, uma lição filosófica: nada deveria colocar-se entre uma grande divindade – o Sol – e o filósofo.

Os imperadores, sempre prontos para representarem as divindades e, portanto, em se mostrarem detentores do saber divino, não teriam crédito nessa tarefa quando diante dos filósofos, ou seja: entre os deuses e os filósofos não há representantes.

Desconsiderar esse ensinamento de Foucault ao abordar a Filosofia helenista não é uma atitude inteligente. Aliás, essa é uma parte do curso de História da Filosofia na qual não se pode naufragar e em que há tudo para ser bem sucedido com os estudantes.

Qual jovem não gosta de saber que o apelido de Diógenes era "o cão"? Quem não fica interessado quando aprende que Platão o teria chamado de "o Sócrates tornado louco"?

Sócrates foi uma figura esquisita - não se pode negar isso - imagine, então, um "Sócrates tornado louco".

Se isso não bastasse, há mais: Diógenes de Sinope não só comia na Ágora como também se masturbava ali. Masturbar-se em público nunca foi algo aconselhável, menos ainda em um lugar que merecia total respeito, como a Ágora, um lugar em que os cidadãos se reuniam para grandes deliberações.

Fora da Escola Cínica, as atitudes pouco convencionais também foram bem recebidas. Por exemplo, Epicuro sempre foi pouco generoso ao usar adjetivos para outros filósofos.

Acrescente-se a isso sua fama de não ter pudores de escrever para mulheres alheias e manter correspondência com concubinas, ou de, por vício, vomitar duas vezes ao dia.

Todavia, neste último caso, nunca se sabe se a informação veio por causa da difamação intencional de inimigos, dissidentes de sua escola filosófica.

Foucault ensina mais sobre tais atitudes irreverentes. Segundo ele, esse comportamento era parte da *parrhesia* ou prática da franqueza.

Ser franco e afrontoso nada seria senão um modo filosófico - próprio da escola cínica e de outras, e não estranha a Sócrates - de se obter a verdade. Isso faz sentido. S

abe-se que quando alguém que nunca se manifesta, sente-se horrorizado por algum ato que, inicialmente, poderia ser relativamente aceito, ou ao menos compreendido, tem-se aí o que a pessoa em questão efetivamente acredita.

Sendo assim, a *parrhesia* é uma franqueza que arranca, mesmo um pouco a fórceps, a franqueza alheia. Um caminho interessante para a verdade? Todavia, o que é dado com uma mão ao estudante, tirase com outra.

Exatamente essas escolas filosóficas irreverentes, foram aquelas que seguiram Sócrates no seu trabalho de não escrever, havendo, assim, poucos registros delas.

O estudo desse período, geralmente, centra-se nas escolas principais: o hedonismo de Epicuro, o estoicismo e o ceticismo.

Mas o estudante pode ser bem convencido - não só pela lembrança da prova final - que essas escolas também possuem muita coisa interessante.

Talvez nem tanto, se consideradas de forma isolada, mas o embate entre elas é prazeroso e instrutivo.

Epicurismo, Estoicismo e Ceticismo formam o núcleo da chamada filosofia helenista. Este é o nome que cobre a atividade filosófica predominante

no período decorrido entre a morte de Alexandre, em 323 a.C., e a batalha de Actium, em 30 a.C. Embora esses eventos sejam polos, eles se relacionam com a Filosofia: a morte de Alexandre determinou a saída de Aristóteles de Atenas e, na batalha de Actium, o romano Marco Antônio e sua namorada, a rainha egípcia Cleópatra, foram derrotados por Otaviano (autodenominado Augustus), sobrinho de Júlio César, o que determinou o fim da República e o início do Império romano.

A partir daí, a cultura greco-macedônica foi mais rapidamente incorporada pelo mundo romano, dando origem à cultura greco-latina. A filosofia helenista esteve na base inicial da cultura greco-latina, tendo sido responsável por boa parte da educação filosófica da elite romana.

Não se pode esquecer que o imperador romano Constantino tornou-se cristão em 313, mas, somente com o imperador Justiniano, em 529, é que as escolas filosóficas gregas tiveram seu funcionamento legalmente proibido. Assim, entre a morte de Aristóteles (e de Alexandre) e a proibição oficial das atividades filosóficas gregas autônomas, se passaram mais de 700 anos, um período maior do que aquele que há entre a atualidade e o início da filosofia moderna, com Descartes (1596-1650).

Os filósofos dessa época deram continuidade a Aristóteles quanto ao processo de delimitação interna das várias áreas da Filosofia. Aristóteles foi o responsável pela divisão da filosofia em teórica e prática, classificação que depois, nos tempos modernos, ficou consagrada, especialmente com Immanuel Kant (1724-1804).

A ideia básica dessa divisão diz que a parte teórica lida com o conhecimento intelectual, enquanto a parte prática lida com as ações. Sendo assim, a primeira parte veio, na modernidade, a ser denominada como teoria do conhecimento (mais tarde, no século 20, chamada de epistemologia).

A segunda parte, já no tempo de Aristóteles, recebeu o nome de ética. O filósofo pós-aristotélico típico compreendeu a importância das duas, mas não esteve disposto a dar valor à primeira caso ela não existisse exatamente para se conseguir a segunda que, por sua vez, deveria ser tomada como o escopo da Filosofia.

Eis o dístico dessa época: deve-se ser filósofo para buscar a sabedoria, não somente o conhecimento.

O sábio não é o que apenas conhece, mas o que se comporta como sábio. O filósofo deve se esmerar para ser sábio.

A maior parte desses filósofos entendia que sua escola filosófica derivava dos ensinamentos de Sócrates, a despeito das diferenças entre elas. Eram escolas para uma vida filosófica. As mudanças da

geografia do mundo greco-macedônio por conta das transformações de seu império após a morte de Alexandre contribuíram muito para o ambiente propício para esse tipo de filosofia.

Nesse novo mundo, maior e mais diversificado, Atenas passou a ser a cidade da Filosofia, mas sem relações com as ciências; enquanto isso Alexandria tornou-se a cidade das ciências, sem interesse pela filosofia.

Todavia, a proeminência de Alexandria nesse mundo novo, bem diferente daquele de Sócrates e Platão, trouxe aos filósofos um estilo de atuação inusitado, visto que a medicina havia avançado muito nessa cidade, principalmente pela ligação desta, no interior do império greco-macedônio, com os saberes do Egito.

Sua ciência não adentrou Atenas, mas, enfim, a nova prática médica fez-se sentir em todo lugar. Ora, aqueles filósofos que, desde Sócrates, haviam se colocado como "médicos da alma", viram na nova medicina um ensinamento filosófico.

Tomando da medicina a ideia então nascente, de que o bom médico é aquele que cuida do corpo por inteiro, os filósofos se sentiram confortáveis quanto a tarefa de ensinarem doutrinas práticas, fazendo também com o corpo o que já faziam com a alma.

Além do mais, uma conclusão assim não foi difícil para eles, uma vez que Aristóteles havia colocado bases para se ver a alma como uma variante da matéria, ou seja, algo corporal.

Alma e corpo - ao menos aos olhos dos filósofos - não apareciam como coisas completamente distintas, e, portanto, não necessitavam de profissionais distintos para seus cuidados.

Nessa trilha, a maioria dos filósofos dessa época, preocupou-se com condutas que eram não só posições intelectuais, mas também modos de viver que implicavam em dieta do corpo e do espírito, cuja aspiração era pela vida tranquila, a despeito dos sobressaltos do mundo.

Aliás, esses sobressaltos não eram poucos. As cidades-estado, do modo que foram configuradas no tempo de Sócrates e Platão, não existiam mais. A unidade do império de Alexandre, que as substituiu, se desfez rapidamente com a morte dele.

O mundo romano estava emergindo, mas, nesses tempos, ainda não havia conquistado o império alexandrino. Foi uma época de início de batalhas de conquista e, então, epicuristas, estoicos, céticos, cínicos e cirenaicos participaram delas, todos muito mais preocupados com o indivíduo do que com a cidade.

O espelho entre a alma e a cidade, que havia sido uma maneira tranquila, para Platão, de configurar a sua psicologia e a sua política, deixou rapidamente de ser uma boa ideia.

A preocupação com o indivíduo e, enfim, até mesmo uma ampliação da noção de indivíduo, estabeleceu-se em consonância, então, com o que as escolas desse período valorizaram em Sócrates. Para essas escolas, Sócrates havia exercido a medicina da alma, e o correto, então, seria radicalizá-la, assumindo a existência individual como uma existência especialmente corporal, única.

Nesse tipo de pensamento filosófico, a valorização da existência individual não se transformou em um caminho para a reclusão e a solidão, mas, certamente, a convivência entre os amigos substituiu, de vez, a vivência entre cidadãos.

Não foram poucas as escolas filosóficas desse período que se mantiveram como confrarias. Formavam-se como grupos de amigos e funcionavam sob regras doutrinárias rígidas.

Epicuro e Zenão foram muito zelosos quanto às regras de conduta individual e de amizade. Aliás, diga-se de passagem, um dos que conduziram a herança da escola de Zenão, a escola estoica, foi Cleantes (331-232), que viveu do pugilismo e, depois, como carregador de água.

Não tendo dinheiro nem posses e, no entanto, sempre presente para o estudo e o desenvolvimento da Filosofia, foi chamado diante das autoridades para explicar do que vivia. Ele mostrou que era pago, à noite, para levar água aos jardins das casas.

As autoridades da cidade ficaram satisfeitas, e quiseram lhe fazer uma grande doação, para que ele pudesse se livrar desses trabalhos rudes. Zenão o proibiu de aceitar, para que sua independência ficasse garantida.

Todavia, não se sabe se, depois, diante de uma segunda e generosa doação de um cidadão rico, e talvez sem Zenão por perto, Cleantes não tenha se livrado da miséria.

Vindo de Samos, Epicuro (341-270) chegou a Atenas aos dezoito anos, exatamente no ano de morte de Aristóteles, em 322. Uma década depois, chegou também a Atenas, aquele que seria o fundador da escola rival do epicurismo, Zenão de Cítio (336-264).<sup>4</sup>

Ambos vieram por razões bem diferentes: Epicuro tinha de cumprir o serviço militar e Zenão estava ajudando o pai nos negócios comerciais. Isso é o que ficou registrado, como dado objetivo. Mas, há versões que contam que ambos já vieram com claras intenções de estudar Filosofia.

Epicuro frequentou o ambiente filosófico ateniense, depois ensinou em outros lugares e, por volta de 305, montou em Atenas uma casa para sua escola ou, melhor dizendo, para a sua confraria de amigos; o jardim. Zenão estudou com o cínico Crates (365-285) e, dois anos depois da abertura do

jardim, iniciou suas preleções nas escadarias e passagens da Stoa.

As escolas desses dois filósofos tiveram discípulos que mantiveram suas tradições de um modo muito mais fiel do que ocorreu com a Academia de Platão e o Liceu de Aristóteles.

Os estoicos e epicuristas, diferentemente, foram mais rígidos, talvez até pelo próprio caráter de suas doutrinas, que eram voltadas para uma pedagogia da vida. Assim, nos primeiros séculos da era cristã, a elite romana escolarizada tinha o estoicismo e o epicurismo como filosofias próprias para a sua educação.

Isso ainda durou depois da retomada dos estudos aristotélicos e platônicos, já no contexto do Império Romano. Inclusive, perdurou mesmo quando o cristianismo já se fazia presente em Roma e, paulatinamente, começava a se espriar a partir dos pobres, atingindo os ricos e homens do governo. Esse predomínio de estoicos, seguidos de epicuristas, não se deu sem oposição.

Enquanto disputaram lugar na educação filosófica que poderia ser dada a gregos e macedônios e, depois, também aos romanos; os filósofos foram fustigados, por exemplo, pelos cétricos.

Epicuro e Zenão começaram a ensinar quando o cétrico Pirro de Elis (360-270) já era um filósofo maduro. Pirro havia participado das campanhas militares de Alexandre, e seus ensinamentos espalharam-se mais via tradição do que por discípulos diretos.

Aliás, diga-se de passagem, uma boa parte do que se sabe de Pirro deve-se à obra de Sexto Empírico, que viveu por volta dos séculos II e III.

Algo semelhante ocorreu com Epicuro, cujos ensinamentos chegaram aos modernos, em boa medida, pela obra do romano Lucrecio (século 1 a.C.).

Pirro e Epicuro morreram no mesmo ano e, três anos depois, Arcesislau (316-241) ficou com a chefia da Academia de Platão, e colocou-a nas trilhas do ceticismo.

O que se fez ali foi um ceticismo diferente do de Pirro, embora com ligações claras aos seus ensinamentos.

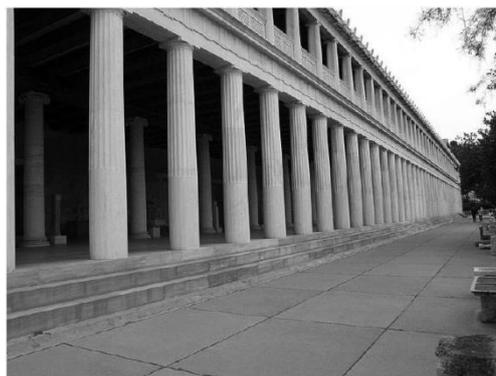
Arcesislau comandou a Academia durante trinta anos, mantendo-a como um ponto de referência para o ceticismo que, então, seguiu seu curso paralelo ao do Epicurismo e do Estoicismo.

Veja ao lado o mapa da "filosofia helenista", marcando as origens de Zenão, Epicuro, Diógenes e Pirro. Todos eles filosofaram, principalmente, em Atenas.



As escolas filosóficas que cresceram no mundo pós-Aristóteles viram o "saber viver" como o caminho da eudaimonia (felicidade), e isso como uma herança querida, aprendida de Sócrates. Suas divergências, portanto, não eram sobre o objetivo a ser perseguido, mas, sim, sobre os meios para alcançar a felicidade.

Todavia, nenhuma dessas escolas adotou a postura socrática de silêncio sobre a metafísica ou de repúdio a respeito da cosmologia e, nesse ponto, pagaram uma dívida para com Aristóteles.



Stoa de Attalos (restaurada), em Atenas.

Stoa (Yroá) é o nome dado a um tipo de construção típica da Grécia Antiga: um conjunto de colunas, em geral com alguma cobertura e escadas laterais, utilizado como espaço público.

O nome "estoicos" é uma referência aos filósofos que, como Zenão de Cítio, utilizavam desse espaço para a preleção e discussão filosófica.

Assumindo que o melhor comportamento com vistas à eudaimonia era aquele que estivesse "em acordo com a natureza, foram desenvolvidos pensamentos específicos em relação a uma dualidade que havia se instaurado com Aristóteles, aquela estabelecida entre physis e nonos (plural: nomoi), isto é, o que é dado pelo mundo natural em oposição ao que é posto por convenção. Tinham como regra que suas condutas deveriam espelhar a ordem do natural, não das regras convencionadas, sociais.

Por sua vez, os cétricos entendiam que podiam evocar Sócrates como um antecessor na medida em

que, tomando o elenkhós como o método de investigação, acreditavam que este só poderia terminar em aporias.

Assim, os céticos acadêmicos sentiram-se confortáveis, uma vez que se viram filosofando segundo o mestre do fundador da escola, Platão (ao menos o Platão dos primeiros escritos). Os céticos colocaram uma questão central para a Filosofia que, aliás, fez escola na modernidade.

Trata-se da reivindicação de critérios a respeito do que poderia ser tomado como conhecimento. A palavra "critério" vem do grego *kritérion*, do verbo *krinein*, que significa julgar ou discriminar.

A palavra "cético", por sua vez, vem do grego *skeptikoi*, que indica alguém que observa e investiga.

Os céticos eram os filósofos que consideravam a investigação como algo dependente de um critério ou um padrão, em relação aos quais os resultados da pesquisa poderiam ser contrastados.

Eles acusaram os outros filósofos, em especial os rivais da época – epicuristas e estoicos – de não serem capazes de dar nenhum critério seguro. Cada critério fornecido, eles diziam, poderia muito bem ser contestado – e a isso se dedicavam. Diante disso, os céticos advogaram a suspensão dos juízos, a *epoché* (czoxl).

A resposta aos céticos, formulada tanto por epicuristas, quanto por estoicos, foi forjada a partir de suas crenças no materialismo. Eles, então, recorreram às faculdades utilizadas para avaliar o que é corpóreo: as sensações. Epicuro nunca aceitou o ceticismo como sendo Filosofia autêntica.

Do modo como entendia a Filosofia, sua tarefa tinha de visar respostas positivas ao homem sobre as perguntas deste diante do mundo. Essas respostas não tinham como objetivo fazer do Homem um conhecedor da ciência, mas dissolver as questões e as crenças que não podiam trazer tranquilidade.

Suspender o juízo, segundo ele, daria vigor para as dúvidas e, assim, para todo o rol de provocações que trariam a angústia e, então, a intranquilidade.

Deixado ao sabor do ceticismo, o Homem caminharia em torno de buscas vazias, viveria sob constante temor dos deuses e, então, a fim de encontrar meios materiais – dinheiro e poder – para agradá-los, se envolveria em competições sem sentido.

O resultado de tudo isso seria um só: mais atribulação. Por isso, o ceticismo não poderia ser uma boa filosofia. Seguindo o atomismo de Demócrito – sem nunca dar os créditos merecidos a este –, o qual afirmava que o que existe são átomos e vazio; Epicuro adotou a tese de que, ao

abandonarem-se os sentidos, nada há para se colocar no lugar.

A dúvida em relação aos sentidos não seria exclusivamente quanto aos sentidos: seria um primeiro passo para colocar-se tudo o mais em dúvida.

Mas, desconfiar dos sentidos de uma maneira total, para Epicuro, nada seria senão negar, de maneira pouco inteligente, o que cada homem faz no âmbito do seu cotidiano que, enfim, é o correto. No dia a dia, não se age em favor dos sentidos de um modo pouco racional.

Ao contrário, a prática humana é a de comparar representações e aparências, tendo claro que nada obriga o homem a adotar uma só representação, ou a primeira representação fornecida pelos sentidos.

Não há razão para se acreditar no mundo externo como ele se apresenta; pode-se conceder isso ao cético. Mas, por outro lado, não é necessário acreditar que, ao se adotar uma visão e uma crença, não houve ponderações de alternativas.

Demócrito foi um atomista que não deu respostas aos céticos afirmando o poder dos sentidos. Ele disse que o mundo atômico tinha uma configuração que deveria ser apreendida pela razão, não pelos sentidos.

Com isso, o Ceticismo fortaleceu-se, uma vez que a razão, para muitos, não era da ordem material, e era exatamente a negação do físico ou material.

Epicuro alterou o rumo da discussão. Afirmou que o atomismo dependia, sim, dos sentidos, e que não poderia ser diferente.

A dúvida cética, segundo ele, havia recebido atenção por causa da não percepção de que, quando se faz investigações empíricas, há determinadas questões para as quais só existe uma resposta condizente com a evidência dos sentidos, e há outras questões as quais possuem mais de uma resposta perfeitamente em acordo com tal evidência.

Epicuro jamais generalizou tal tese a ponto de dizer que sua doutrina era equivalente a outras, mas, no âmbito restrito de algumas questões, defendeu essa ideia da não unicidade da verdade.

Os estoicos responderam aos céticos também se posicionando no sentido de prestigiar os sentidos. Associaram o trabalho dos sentidos e das crenças de modo a promover um contra-ataque aos céticos. Argumentaram que, é certo, há muitas sensações e percepções, porém nunca há a adoção de uma percepção de um modo passivo.

Cada homem é ativo quando da decisão de adotar uma crença, e o faz excluindo outras. Ao olhar para uma flor roxa, pode-se ter a dúvida de sua cor, mas, antes de manter a dúvida, se toma

uma decisão consultando várias crenças sobre o que se vê; crenças essas formadas a partir de uma série de outras decisões a respeito do que foi visto, e que contou com vários outros fatores.

Em um determinado momento, não se escapa de ponderar o todo, o conjunto do que se acredita a partir de uma visão totalizante do objeto captado pelos sentidos.

### Compreensão

1. Intelectual e espiritualmente, de fato, a época de Alexandre assinala na Grécia uma mudança decisiva, que afetou especialmente as minorias cultas. No Novo Mundo dos grandes impérios, quando a civilização grega já tinha se espalhado por todo o Oriente próximo, [...] os horizontes do indivíduo grego viam-se consideravelmente alargados, mas ao mesmo tempo este havia perdido o sentimento de segurança que a vida da antiga cidade podia lhe dar.

Segundo o texto, no Período Helenístico, “os horizontes do indivíduo grego viam-se consideravelmente alargados, mas ao mesmo tempo este havia perdido o sentimento de segurança que a vida da antiga cidade podia lhe dar”. Redija um texto explicando o que isso representou para os gregos dessa época.

---

---

---

---

---

2. Explique por que a ideia de cosmopolitismo foi importante para o Período Helenístico.

---

---

---

---

---

3. No Período Helenístico “a sensação de isolamento, desenraizamento e insegurança era, de fato, forte o bastante para estimular muitos homens a buscar uma forma de vida que lhes proporcionasse uma íntima sensação de segurança e estabilidade. Isto foi o que as novas filosofias do Período Helenístico se puseram a proclamar.”

A partir do trecho anterior, redija um texto explicando a importância das escolas filosóficas para o Período Helenístico.

---

---

---

---

---

## Capítulo 8

### Filosofia Medieval

A filosofia medieval é a filosofia da Europa Ocidental e do Oriente Médio no período medieval ou Idade Média, e se estende da queda do Império Romano à Renascença.

É respeitada pela redescoberta da cultura antiga desenvolvida na Grécia e em Roma no período clássico, e também, pela formulação de problemas teológicos e por integrar a doutrina sagrada com a aprendizagem secular.

Os principais problemas discutidos ao longo deste período foram as relações entre fé e razão, a existência e a unidade de Deus, os objetos da teologia e da metafísica, e os problemas do conhecimento, dos universais e da individuação.



### Características da Filosofia Medieval

A Era Medieval foi menosprezada pelos humanistas da Renascença, que a viram como um ingênuo período “intermediário” entre a idade clássica da cultura grega e romana, e o “renascimento” ou Renascença da cultura clássica.

Embora este período de quase mil anos seja o período mais longo de desenvolvimento filosófico na Europa e do Oriente Médio, é talvez o mais rico. Jorge Gracia argumentou que em intensidade, sofisticação e realização, pode-se dizer, com certeza, que o florescimento da filosofia no décimo terceiro século rivaliza-se com a idade de ouro da filosofia grega no quarto século d.C.

A filosofia medieval é tipicamente teológica devido ao tema profundamente discutido naquela época: fé versus razão.

Avicenna e Averroes apoiaram-se mais na razão enquanto Agostinho e Anselmo acreditam na primazia da fé.

A solução Agostiniana para o problema entre fé e razão é a crença, e depois compreensão.

Evidentemente encontramos muita filosofia nos trabalhos de escritores medievais, os quais usaram ideias e técnicas lógicas dos filósofos antigos para formular perguntas teológicas difíceis, incluindo

tópicos da doutrina. Tomás de Aquino procurou a harmonia entre fé e razão.

Ele classificou a filosofia como 'ancilla theologiae', a escrava da teologia. De outro lado, ele também diz que a teologia é um guia orientador para a filosofia.

Afirmou que a filosofia e a teologia estão em harmonia porque ambas foram criadas por Deus. Se alguma filosofia entra em conflito com a teologia, então algum erro foi cometido, logo o filósofo deve voltar atrás e procurar o seu erro. Assim, admitirá que exista uma relação recíproca entre filosofia e teologia.

Em geral, há três facetas que caracterizam o pensamento medieval:

- ✓ o uso da lógica, da dialética e da análise para descobrir a verdade – o princípio de argumentação racional ou ratio;
- ✓ Respeito aos "insights" dos antigos filósofos, em particular Aristóteles, e consideração à sua autoridade – princípio de auctoritas;
- ✓ a obrigação de conciliar os "insights" na filosofia com a transmissão teológica e a revelação – princípio da concórdia. Sendo o último o mais importante. Seguramente, nenhuma outra questão preocupou os pensadores medievais mais do que a relação entre fé e razão.

A filosofia cristã comportou dois grandes períodos: a filosofia dos Padres da Igreja, ou Patrística, que foi até o século VII, e a filosofia dos Doutores da Igreja, ou Escolástica, que foi até o século XIV.

### **Patrística: século II ao século VII**

A Patrística se desenvolveu num ambiente altamente influenciado pela filosofia grega e dela se valeu para esclarecer e defender o novo conteúdo da fé.

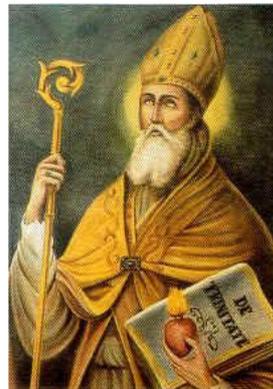
O Neoplatonismo, contemporâneo da Patrística, teve grande ascendência sobre os primeiros escritores cristãos.

Encontramos, nessa época, duas tendências opostas: de um lado, os padres da igreja oriental ou grega, que pretenderam harmonizar o pensamento grego com a religião cristã, de outro, os padres da igreja ocidental ou latina, que combateram a cultura pagã.

A filosofia foi utilizada para defender a religião cristã dos ataques dos seus adversários pagãos e gnósticos (gnosticismo – ecletismo filosófico e religioso que gerou a heresia gnóstica: redução da criação e redenção cristãs a fenômenos naturais), e para prestar ajuda na justificação dos dogmas (pontos fundamentais e indiscutíveis de uma doutrina religiosa).

A Patrística não nos legou nenhum sistema filosófico cristão; a maioria das questões de que tratou derivou de polêmicas doutrinárias e de tentativas de sua resolução. Até Santo Agostinho, a Patrística foi ocasional e fragmentária.

### **Alguns representantes da Patrística**



Os primeiros padres da Igreja escreveram em defesa (apologia) da nova religião e por isso foram chamados de Apologistas. São Justino, padre apologista grego, foi considerado o fundador da Patrística; viveu no século II e morreu mártir em Roma.

Entre os apologistas latinos, deve ser citado Tertuliano de Cartago que nasceu na metade do século II e morreu em Roma, em 240. Dos apologistas da igreja oriental devem ser lembrados Clemente (fins do século II – início do III) e Orígenes (século III), o maior dos pensadores cristãos anteriores a Agostinho.

As grandes discussões sobre os dogmas e a refutação das heresias foram pouco a pouco, desenvolvendo a filosofia cristã, dando aos seus defensores a estatura de filósofos à altura dos seus antecessores na antiguidade clássica como Platão e Aristóteles.

### **Santo Agostinho**

Aurélius Agostinho (em latim: Aurelius Augustinus), dito de Hipona, conhecido como Santo Agostinho (Tagaste, 13 de novembro de 354 - Hipona, 28 de agosto de 430), foi um bispo, escritor, teólogo, filósofo e é um Padre latino e Doutor da Igreja Católica.

Agostinho é uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Em seus primeiros anos, Agostinho foi fortemente influenciado pelo maniqueísmo de Mani e pelo neoplatonismo de Plotino, mas depois de tornar-se cristão (387), ele desenvolveu a sua própria abordagem sobre filosofia e teologia e uma variedade de métodos e perspectivas diferentes.

Ele aprofundou o conceito de pecado original dos padres anteriores e, quando o Império Romano do Ocidente começou a se desintegrar, desenvolveu o conceito de Igreja como a cidade espiritual de Deus (em um livro de mesmo nome – *A Cidade de Deus*), distinta da cidade material do homem. Seu pensamento influenciou profundamente a visão do homem medieval. A igreja se identificou com o conceito de "Cidade de Deus" de Agostinho, e também a comunidade que era devota do deus dos cristãos.

Na Igreja Católica, e na Igreja Anglicana, é considerado um santo, e um importante Doutor da Igreja, além de patrono da ordem religiosa agostiniana.

Muitos protestantes, especialmente os calvinistas, o consideram como um dos pais teólogos da Reforma Protestante ensinando a salvação e a graça divina.

Na Igreja Ortodoxa Oriental ele é louvado, e seu dia festivo é celebrado em 15 de junho, apesar de uma minoria ser da opinião que ele é um herege, principalmente por causa de suas mensagens sobre o que se tornou conhecido como a cláusula filioque (inserção na versão latina do credo niceno referindo-se à procedência do Espírito Santo tanto do Pai quanto do Filho).

Já na versão grega, a mais antiga e original, diz-se apenas que o Espírito Santo procede do Pai).

Entre os ortodoxos, Agostinho é chamado de "Agostinho Abençoado", ou "Santo Agostinho, o Abençoado".

Algumas obras de Santo Agostinho:

- ✓ Da Doutrina Cristã (397-426)
- ✓ Confissões (397-398)
- ✓ A Cidade de Deus (413-426)
- ✓ Da Trindade (400-416)
- ✓ Retratações
- ✓ De Magistro
- ✓ Conhecendo a si mesmo

Frases e Pensamentos de Santo Agostinho:

- ✓ "Se dois amigos pedirem para você julgar uma disputa, não aceite, pois você irá perder um amigo. Porém, se dois estranhos pedirem a mesma coisa, aceite, pois você irá ganhar um amigo."
- ✓ "Milagres não são contrários à natureza, mas apenas contrários ao que entendemos sobre a natureza."
- ✓ "Certamente estamos na mesma categoria das bestas; toda ação da vida animal diz respeito a buscar o prazer e evitar a dor."
- ✓ "Se você acredita no que lhe agrada nos evangelhos e rejeita o que não gosta, não é nos evangelhos que você crê, mas em você."
- ✓ "Ter fé é acreditar nas coisas que você não vê; a recompensa por essa fé é ver aquilo em que você acredita."
- ✓ "A pessoa que tem caridade no coração tem sempre qualquer coisa para dar."
- ✓ "A confissão das más ações é o passo inicial para a prática de boas ações."

✓ "A verdadeira medida do amor é não ter medida."

✓ "Orgulho não é grandeza, mas inchaço. E o que está inchado parece grande, mas não é sadio."

### Escolástica: século IX ao século XVI

A Escolástica tem tanto um significado mais limitado, ao se referir às disciplinas ministradas nas escolas medievais – o trívio: gramática, retórica e dialética; e o quadrívio: aritmética, geometria, astronomia e música –, quanto uma conotação mais ampla, ao se reportar à linha filosófica adotada pela igreja na Idade Média.

Esta modalidade de pensamento era essencialmente cristã e procurava respostas que justificassem a fé na doutrina ensinada pelo clero, guardião das verdades espirituais.

Esta escola filosófica vigora do princípio do século IX até o final do século XVI, que representou o declínio da era medieval. A Escolástica é o resultado de estudos mais profundos da arte dialética, a radicalização desta prática.

No começo seus ensinamentos eram disseminados nas catedrais e monastérios e, posteriormente, se estenderam às Universidades. Inclusive, foi na Escolástica, que as primeiras grandes universidades europeias foram fundadas, sendo a principal em Paris.

A filosofia da Antiguidade Clássica ganha então contornos judaico-cristãos, já esboçados a partir do século V, quando se sentiu a urgência de mergulhar mais fundo em uma cultura espiritual que estava se desenvolvendo rapidamente, para assim imprimir a estes princípios religiosos um caráter filosófico, inserindo o Cristianismo no âmbito da Filosofia.

Destas tentativas de racionalização do pensamento cristão surgiram os dogmas católicos, os quais infiltraram na mentalidade clássica dos gregos conceitos como "providência", "revelação divina", "Criação proveniente do nada", entre outros.

Os escolásticos, em princípio, tentaram harmonizar ideais platônicos com fatores de natureza espiritual, à luz do cristianismo vigente no Ocidente.

Mesmo depois, quando Aristóteles, discípulo de Platão, é contemplado ao ponto de se tornar predominante no pensamento cristão através de Tomás de Aquino, o neoplatonismo adotado pela Igreja continuou preservado.

Assim, a escolástica será permanentemente atravessada por dois universos distintos – a fé herdada tanto da mentalidade platônica como da razão aristotélica.

Mas, há que se considerar a forte influência do pensamento de Aristóteles na filosofia dos

principais escolásticos, em especial de Pedro Abelardo e Tomás de Aquino.

Agostinho, mais tradicional, clama por um predomínio da fé, em detrimento da razão, ao passo que Tomás de Aquino acredita na independência da esfera racional no momento de buscar as respostas mais apropriadas, embora não rejeite a prioridade da fé com relação à razão.

A Escolástica foi profundamente influenciada pela Bíblia Sagrada, pelos filósofos da Antiguidade e também pelos Padres da Igreja, escritores do primeiro período do Cristianismo oficial, que detinham o domínio da fé e da santidade.

Vários filósofos predominaram neste a que denominamos escolástica: Pedro Abelardo, Anselmo da Cantuária, mas o principal de todos foi o italiano Tomás de Aquino, autor da Suma Teológica.

### São Tomás de Aquino

Nascido em uma família de nobres, Tomás de Aquino fez os primeiros estudos no castelo de Monte Cassino.

Em Nápoles, para onde foi em 1239, estudou artes liberais, ingressando, em seguida, na Ordem dos Dominicanos, em 1244. De Nápoles, a caminho de Paris, em companhia do Geral da ordem foi sequestrado por seus irmãos, inconformados com seu ingresso no convento.

No ano seguinte, fiel à sua vocação religiosa, viajou a Paris, onde se tornou discípulo de Alberto Magno, acompanhando-o a Colônia. Em 1252, voltou a Paris, onde se formou em teologia e lecionou durante três anos. Depois de voltar à Itália, foi nomeado professor na cúria pontifical de Roma.

Ensina, durante anos, em várias cidades italianas. Uma década depois, retorna a Paris, onde leciona até 1273. A seguir, parte para Nápoles, onde reestrutura o ensino superior. Em 1274, convocado pelo papa Gregório X, viaja para participar do Concílio de Lyon. Adoece, contudo, durante a viagem, vindo a falecer no mosteiro cisterciense de Fossanova, aos 49 anos de idade.

Chamado de Doutor Angélico e de Príncipe da Escolástica, Tomás de Aquino foi canonizado em 1323 e proclamado doutor da Igreja Católica em 1567.

### Provas da existência de Deus

A primeira questão de que se ocupa Tomás de Aquino – na Suma Teológica, sua obra máxima – é a das relações entre a ciência e a fé, a filosofia e a teologia.

Fundada na revelação, a teologia é a ciência suprema, da qual a filosofia é serva ou auxiliar. À filosofia, procedendo de acordo com a razão, cabe demonstrar a existência e a natureza de Deus.

Profundamente influenciado por Aristóteles, Tomás de Aquino sustenta que nada está na inteligência que não tenha estado antes nos sentidos, razão pela qual não podemos ter de Deus, imediatamente, uma ideia clara e distinta.

Assim, para provar a existência de Deus, o filósofo procede a posteriori, partindo não da ideia de Deus, mas dos efeitos por ele produzidos, formulando cinco argumentos, cinco vias:

1. **O Primeiro Motor** – o movimento existe e é uma evidência para os nossos sentidos; ora, tudo o que se move é movido por outro motor; se esse motor, por sua vez, é movido, precisará de um motor que o mova, e, assim, indefinidamente, o que é impossível, se não houver um primeiro motor imóvel, que move sem ser movido, que é Deus;

2. **A Causa Eficiente** – há uma série de causas eficientes, causas e efeitos, ao mesmo tempo; ora, não é possível remontar indefinidamente na série das causas; logo, há uma causa primeira, não causada, que é Deus;

3. **O Ser Necessário** – todos os seres que conhecemos são finitos e contingentes, pois não tem em si próprios a razão de sua existência – são e deixam de ser; ora, se são todos contingentes, em determinado tempo deixariam todos de ser e nada existiria, o que é absurdo; logo, os seres contingentes implicam o ser necessário, ou Deus;

4. **Os Graus de Perfeição** – os seres finitos realizam todos determinados graus de perfeição, mas nenhum é a perfeição absoluta; logo, há um ser sumamente perfeito, causa de todas as perfeições, que é Deus;

5. **A Finalidade do Ser** – a ordem do mundo implica em que os seres tendam todos para um fim, não em virtude de um acaso, mas da inteligência que os dirige; logo, há um ser inteligente que os dirige; logo, há um ser inteligente que ordena a natureza e a encaminha para seu fim; esse ser inteligente é Deus.

### Homem, Alma e Conhecimento

Para Tomás de Aquino, o homem é corpo e alma inteligente, incorpórea (ou imaterial), e se encontra, no universo, entre os anjos e os animais. Princípio vital, a alma é o ato do corpo organizado que tem a vida em potência.

Contestando o platonismo e a tese das ideias inatas, Tomás de Aquino observa que se a alma tivesse de todas as coisas um conhecimento inato, não poderia esquecê-lo, e, sendo natural que esteja unida a um corpo, não se explica porque seja o corpo a causa desse esquecimento.

Conhecer, para Tomás de Aquino, não é lembrar-se, como pretendia Platão, mas extrair, por meio do intelecto agente, a forma universal que se acha contida nos objetos sensíveis e particulares. Do

conhecimento depende o apetite, ou o desejo, inclinação da alma pelo bem.

O homem, segundo Tomás de Aquino, só pode desejar o que conhece, razão pela qual há duas espécies de apetites ou desejos: os sensíveis e os intelectuais.

Os primeiros, relativos aos objetos sensíveis, produzem as paixões, cuja raiz é o amor. Quanto aos segundos, produz a vontade, apetite da alma em relação a um bem que lhe é apresentado pela inteligência como tal.

Segundo Aristóteles, Tomás de Aquino diz que, para o homem, o bem supremo é a felicidade, que não consiste na riqueza, nem nas honrarias, nem no poder, em nenhum bem criado, mas na contemplação do absoluto, ou visão da essência divina, realizável somente na outra vida, e com a graça de Deus, pois excede as forças humanas.

### **Pensamentos de São Tomás de Aquino**

- ✓ "Ninguém pode nesta vida ter satisfeitas as suas aspirações, porque nunca um bem-criado sacia as aspirações humanas de felicidade."
- ✓ "A concórdia não é uniformidade de opiniões, mas concordância de vontades."
- ✓ "Há homens cuja fraqueza de inteligência não lhes permitiu ir além das coisas corpóreas."
- ✓ "Uma ofensa é tanto maior quanto maior é aquele contra quem é cometida."
- ✓ "O crente transcende a verdade da sua própria inteligência."
- ✓ "Aquele que crê adere ao dizer de alguém. Por isso o que parece ser o principal, e tendo de certo modo o valor do fim, em todo o assentimento é a pessoa a cujo dizer se dá assentimento. Assim, o que se concorda em crer apresenta-se como secundário."
- ✓ "A paciência manifesta-se extraordinária de dois modos: quando alguém suporta grandes males pacientemente ou quando suporta aquilo que poderia ter evitado e não quis evitar."

### **Compreensão**

1. Era extremamente necessário munir o cristianismo de explicações lógicas e coerentes que se fizessem compreender tanto pelos críticos da nova religião quanto pelos intelectuais neoconvertidos.

Redija um texto explicando o que significa dizer que era necessário "munir a fé de explicações lógicas".

---

---

---

---

---

2. É claro que a fé ocupa lugar primordial e precedente à razão, mas, justamente pela necessidade de munir a fé de argumentos racionais, a filosofia grega se torna imprescindível para este processo. No entanto, não é qualquer filosofia que pode ser aceita, sendo os textos, as ideias, os pensadores gregos cuidadosamente selecionados.

Redija um texto explicando o posicionamento dos pensadores cristãos em relação à filosofia, com base na citação anterior.

---

---

---

---

---

## Capítulo 9

### Conhecimento

Desde seu princípio, a Filosofia se ocupou do problema do conhecimento. Os primeiros filósofos na Grécia Antiga que questionaram sobre o mundo (cosmos), sobre o homem, a natureza, tentaram encontrar a verdade em um princípio único (arché) que abarcasse toda a realidade, isto é, sobre o Ser.

Confiantes de que somos seres capazes de conhecer o universo e sua estrutura, os gregos se perguntavam como era possível o erro, a falsidade e a ilusão, já que não era possível falar sobre o Não Ser e sim somente sobre o Ser.

Foi preciso, pois, estabelecer a diferenciação entre o mero opinar e o conhecer verdadeiro, entre o que percebemos pelos sentidos e aquilo que compreendemos pelo pensamento, raciocínio ou reflexão, estabelecendo, assim, graus de conhecimento e até mesmo uma hierarquia entre eles.

Isso porque o conhecimento não era entendido como a mera apreensão particular de objetos (pois isso seria conhecimento de algo), mas pretendido como o modo universal de apreensão (não o conhecimento de várias coisas, mas o que é realmente o conhecer).

Com o advento do Cristianismo, a verdade que os homens poderiam conhecer estava sujeita à autoridade da fé revelada.

Na concepção cristã, que vê o homem como um degenerado do paraíso, sua salvação depende de Deus e não da sua mera vontade e só através da fé o homem poderia compreender o mundo e a si mesmo, alcançando, assim, a verdade.

O homem, tido como um composto por corpo e alma, tem acesso a duas realidades, uma temporal e finita (corpo) e a outra eterna e semelhante ao divino (alma) pela qual poderia chegar à verdade e à salvação.

A fé auxilia a razão para que não sofra desvios por conta da vontade e liberdade de uma alma encerrada em um corpo.

Mas foi somente com a Modernidade que a questão do conhecimento foi devidamente sistematizada.

Retomando os antigos, a Filosofia procurou não só saber quantos conhecimentos ou objetos existiam, mas questionar a sua possibilidade e condições de realização.



### Afinal, o que é Conhecimento?

Conhecimento é o ato ou efeito de abstrair a ideia ou a noção de alguma coisa, como, por exemplo: conhecimento das leis; conhecimento de um fato (obter informação); conhecimento de um documento; termo de recibo ou nota em que se declara o aceite de um produto ou serviço; saber, instrução ou cabedal científico (homem com grande conhecimento).

O tema "conhecimento" inclui, mas não está limitado a descrições, hipóteses, conceitos, teorias, princípios e procedimentos que são ou úteis ou verdadeiros. O estudo do conhecimento é a gnosiologia.

Hoje existem vários conceitos para esta palavra e é de ampla compreensão que conhecimento é aquilo que se sabe de algo ou alguém. Isso em um conceito menos específico.

Contudo, para falar deste tema é indispensável abordar dado e informação.

Dado é um emaranhado de códigos decifráveis ou não. O alfabeto russo, por exemplo, para leigos no idioma, é simplesmente um emaranhado de códigos sem nenhum significado específico. Algumas letras são simplesmente alguns números invertidos e mais nada.

Porém, quando estes códigos até então indecifráveis, passam a ter um significado próprio para aquele que os observa, estabelecendo um processo comunicativo, obtém-se uma informação a partir da decodificação destes dados.

Diante disso, podemos até dizer que dado não é somente códigos agrupados, mas também uma base ou uma fonte de absorção de informações.

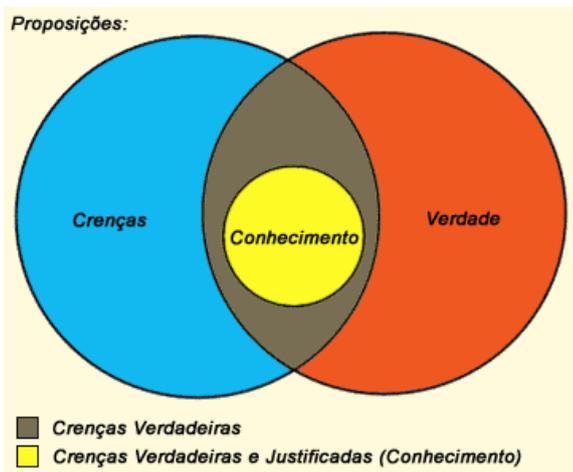
Então, informação seria aquilo que se tem através da decodificação de dados, não podendo existir sem um processo de comunicação. Essas informações adquiridas servem de base para a construção do conhecimento.

Segundo esta afirmação, o conhecimento deriva das informações absorvidas.

Constroem-se conhecimentos nas interações com outras pessoas, com o meio físico e natural.

Podemos conceituar conhecimento da seguinte maneira: conhecimento é aquilo que se admite a partir da captação sensitiva sendo assim acumulável a mente humana.

Ou seja, é aquilo que o homem absorve de alguma maneira, através de informações que de alguma forma lhe são apresentadas, para um determinado fim ou não.



O conhecimento distingue-se da mera informação porque está associado a uma intencionalidade.

Tanto o conhecimento como a informação consistem de declarações verdadeiras, mas o conhecimento pode ser considerado informação com um propósito ou uma utilidade.

O conhecimento não pode ser inserido num computador por meio de uma representação, pois neste caso seria reduzido a uma informação. Assim, neste sentido, é absolutamente equivocado falar-se de uma "base de conhecimento" num computador.

No máximo, podemos ter uma "base de informação", mas se é possível processá-la no computador e transformar o seu conteúdo, e não apenas a forma, pois o que nós temos de fato é uma tradicional base de dados.

O conhecimento pode ainda ser aprendido como um processo ou como um produto. Quando nos referimos a uma acumulação de teorias, ideias e conceitos o conhecimento surge como um produto resultante dessas aprendizagens, mas como todo produto é indissociável de um processo, podemos então olhar o conhecimento como uma atividade intelectual através da qual é feita a apreensão de algo exterior à pessoa.

A definição clássica de conhecimento, originada em Platão, diz que ele consiste de crença verdadeira e justificada. Já Aristóteles dividiu o conhecimento em três áreas: científica, prática e técnica.



Além dos conceitos de Aristóteles e de Platão, o conhecimento pode ser classificado em uma série de designações/categorias:

✓ **Conhecimento Sensorial** – é o conhecimento comum entre seres humanos e animais. Obtido a partir de nossas experiências sensitivas e fisiológicas (tato, visão, olfato, audição e paladar).

✓ **Conhecimento Intelectual** – esta categoria é exclusiva ao ser humano; trata-se de um raciocínio mais elaborado do que a mera comunicação entre corpo e ambiente. Aqui já se pressupõe um pensamento, uma lógica.

✓ **Conhecimento Vulgar/Popular** – é a forma de conhecimento do tradicional (hereditário), da cultura, do senso comum, sem compromisso com uma apuração ou análise metodológica. Não pressupõe reflexão, é uma forma de apreensão passiva, acrítica, e que, além de subjetiva, é superficial.

✓ **Conhecimento Científico** – preza pela apuração e constatação. Busca por leis e sistemas, no intuito de explicar de modo racional aquilo que se está observando.

Não se contenta com explicações sem provas concretas; seus alicerces estão na metodologia e na racionalidade.

Análises são fundamentais no processo de construção e síntese que o permeiam, isso, aliado às suas demais características, fazendo do conhecimento científico quase uma antítese do popular.

✓ **Conhecimento Filosófico** – mais ligado à construção de ideias e conceitos. Busca as verdades do mundo por meio da indagação e do debate, do filosofar.

Portanto, de certo modo assemelha-se ao conhecimento científico – por valer-se de uma metodologia experimental –, mas dele distancia-se por tratar de questões imensuráveis, metafísicas.

A partir da razão do homem, o conhecimento filosófico prioriza seu olhar sobre a condição humana.

✓ **Conhecimento Teológico** – conhecimento adquirido a partir da fé teológica, sendo fruto da revelação da divindade. A finalidade do teólogo é provar a existência de Deus e que os textos bíblicos foram escritos mediante inspiração divina, devendo por isso ser realmente aceitos como verdades absolutas e incontestáveis. A fé pode basear-se em experiências espirituais, históricas, arqueológicas e coletivas que lhe dão sustentação.

✓ **Conhecimento Intuitivo** – inato ao ser humano, o conhecimento intuitivo diz respeito à subjetividade, às nossas percepções do mundo exterior e à racionalidade humana. Este conhecimento manifesta-se de maneira concreta quando, por exemplo, tem-se uma epifania, ou seja, um fenômeno de aparições, de manifestações de algo.

1. **Intuição Sensorial/Empírica** – “A intuição empírica é o conhecimento direto e imediato das qualidades sensíveis do objeto externo: cores, sabores, odores, paladares, texturas, dimensões, distâncias. É também o conhecimento direto e imediato de estados internos ou mentais: lembranças, desejos, sentimentos, imagens.” (in: *Convite à Filosofia*; CHAUÍ, Marilena).

2. **Intuição Intelectual** – a intuição com uma base racional. A partir da intuição sensorial você percebe o odor da margarida e o da rosa. A partir da intuição intelectual você percebe imediatamente que são diferentes. Não é necessário demonstrar que a “parte não é maior que o todo”, é a lógica em seu estado mais puro; a razão que se compreende de maneira imediata.

### Conhecimento Científico

O desenvolvimento do método científico deu uma contribuição significativa para a nossa compreensão do conhecimento.

Para ser considerado científico, um método inquisitivo deve ser baseado na coleta de provas observáveis, empíricas e mensuráveis sujeitas aos princípios específicos do raciocínio.

O método científico consiste na coleta de dados através de observação e experimentação, bem como na formulação e teste de hipóteses.

A ciência e a natureza do conhecimento científico também se tornaram objeto de estudo da filosofia.

Como a própria ciência tem desenvolvido, o conhecimento desenvolveu um amplo uso que tem sido desenvolvido nos âmbitos da biologia e da psicologia – discutido em outro lugar como meta-epistemologia ou epistemologia genética – em certa medida, relacionadas com a “teoria do desenvolvimento cognitivo”.

Note-se que “epistemologia” é o estudo do conhecimento e de como ele é adquirido. A ciência é

“o processo usado todos os dias para completar os pensamentos logicamente através da inferência de fatos determinados por experimentos calculados.” Francis Bacon, crítico do desenvolvimento histórico do método científico, escreveu obras que estabeleceram e popularizaram uma metodologia indutiva para a pesquisa científica. Seu famoso aforismo “conhecimento é poder” é encontrado nas *Meditações Sacras* (1597).

### Compreensão

1. O que é o Conhecimento?

---



---



---



---

2. O Conhecimento é, de fato, possível?

---



---



---



---

3. Quais são os limites do conhecimento humano?

---



---



---



---

4. Quais são as fontes do conhecimento humano?

---



---



---



---

## Capítulo 10

### Felicidade

A filosofia existe para que as pessoas possam viver melhores. Sofrer menos. Lidar mais serenamente com as adversidades. Enfrentar com coragem o “perpétuo vai-e-vem de elevações e quedas”, para citar uma frase do romano Sêneca (4 a.C.-65 d.C), um dos grandes filósofos da antiguidade.

A missão essencial da filosofia é tornar viável a busca da felicidade. Todos os grandes pensadores sublinharam esse ponto. A filosofia que não é útil na vida prática pode ser lançada fora. Alguém definiu os filósofos como os amigos eternos da humanidade.

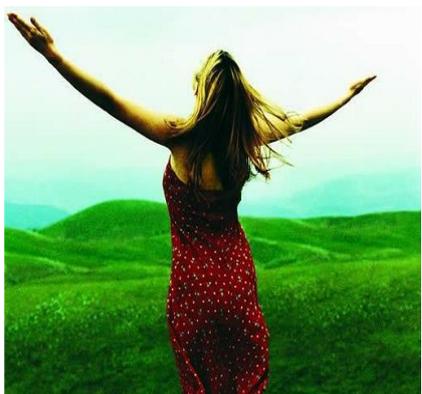
Nas noites frias escuras que enfrentamos no correr dos longos dias, eles podem iluminar e aquecer. A filosofia apoia e consola. “O ofício da filosofia é serenar as tempestades da alma”, escreveu o filósofo francês Montaigne, definindo-a como a “ciência de viver bem”.

É recomendado pelos filósofos que para a vida ser feliz é preciso aceitar os tropeços, sobretudo, porque são inevitáveis.

Trata-se do maior ensinamento do filósofo Zenão, fundador do Estoicismo, e de seus discípulos. Tão forte é a filosofia estoica que “estoico” virou sinônimo de bravura na adversidade.

Estoico é quem se porta com serenidade diante do revés ou do triunfo. Nem vibra na vitória e nem se deprime na derrota. Equilíbrio, calma e serenidade fazem parte da proposta dessa escola filosófica da Antiguidade.

#### O que é ser feliz?



Desde a Antiguidade, muitos filósofos consideraram a felicidade como o fim último da vida humana.

Muitos foram os tratados sobre o que é a felicidade, sobre os caminhos para encontrá-la. Somos felizes? Em que consiste a felicidade?

Aristóteles inicia o livro I da *Ética a Nicômaco* discorrendo sobre a finalidade das ações que

praticamos: "Se há, então, para as ações que praticamos, alguma finalidade que desejamos por si mesma, sendo tudo mais desejado por causa dela, e se não escolhermos tudo por causa de algo mais, evidentemente tal finalidade deve ser o bem e o melhor dos bens. Não terá então uma grande influência sobre a vida o conhecimento deste bem?"

Pode-se afirmar que, para Aristóteles, a felicidade é o resultado do saber viver. Entendendo a ética como a arte de viver, o resultado desse viver será a felicidade.

Ao discutir o que é felicidade é possível perceber que não há um único conceito e entendimento, mas vários.

Assim, vamos buscar entender o que na Antiguidade orientavam os filósofos Aristóteles e Sêneca aos seus contemporâneos: o que fazerem para atingir a virtude, e, portanto, serem felizes?

A virtude, que segundo Aristóteles, é o que vai garantir ao homem a felicidade, é “o hábito que torna o homem bom e lhe permite cumprir bem a sua tarefa”, a virtude é “racional, conforme e constante”.

Para o Estoicismo, escola filosófica da qual Sêneca também fez parte, a felicidade consiste em viver segundo a razão – o Logos.

Como o homem é de natureza racional, seria o mesmo que viver segundo a natureza. Portanto, entendem os estoicos que sermos virtuosos é o mesmo que viver segundo a razão.

A felicidade não é a mesma e única para todos os filósofos e momentos históricos.

No entanto, vamos trabalhar aqui com apenas dois filósofos da Antiguidade, com concepções e momentos históricos bem diferentes, e teremos como norte das discussões a virtude, ou seja, o que ambos apresentam como necessário aos homens na busca do bem viver.

Vamos buscar o que Aristóteles e Sêneca apresentam como referencial para os homens de sua época no sentido de orientá-los em busca da felicidade.

Como cada filósofo apresentou suas ideias em busca de respostas para o que acontecia em sua época, ou seja, pensaram sua época e buscaram discuti-la, explicá-la e, sobretudo, apresentar o que era necessário para sobreviver àquele momento?

Portanto, assim como qualquer um de nós, também os filósofos são homens de seu tempo, e para entendê-los é preciso estudar um pouco o momento histórico em que eles viveram.

## A felicidade segundo Aristóteles



Aristóteles (384-322 a.C.) é proveniente da Macedônia e vem para Atenas, centro intelectual e artístico da Grécia, no século IV a.C. para estudar, onde ingressou na Academia de Platão. Permaneceu na Academia até a morte de Platão.

Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômaco*, discute a finalidade de toda arte, indagação, ação e propósito da vida humana e conclui que é sempre o bem o que todas as pessoas visam. Ao discutir qual seria este bem que é a finalidade da vida humana, Aristóteles nos apresenta a felicidade.

Só que ao mesmo tempo em que afirma que a felicidade é o bem supremo, pergunta-se pela função própria do homem.

Pressupondo que a felicidade é a finalidade de nossa vida, Aristóteles preocupa-se em demonstrar que a vida humana possui em si uma finalidade, ou seja, uma função para a qual está dada.

E, portanto, tal finalidade se objetiva dentro da função a que a vida acontece. Sendo assim, a felicidade resultará do atendimento a esta função.



O que está pressuposto não é a felicidade em si mesma, mas a relação da mesma com a arte de viver, com o saber viver.

Aristóteles fundamenta a ética, arte de bem viver, tendo como referência a função do homem, ou seja, da vida humana, pois não se trata da vida de um homem, mas do ser humano, e aponta para a felicidade como sendo a busca, em si mesma, da vida humana, ou seja, o bem supremo a que toda arte, indagação, ação e propósito devam ter em vista.

### Aristóteles e a excelência

O termo excelência utilizado por Aristóteles é corriqueiramente entendido também por virtude.

Há duas espécies de excelência: a intelectual e a moral. A intelectual nasce e se desenvolve com a instrução, ou seja, com o processo educativo e formativo.

Por isso, desenvolve-se com o tempo e a experiência. É o que de certa forma estamos fazendo desde que iniciamos nossa vida escolar e que vai se aprimorando na medida em que nos dedicamos mais aos estudos. Cada um de nós pode perceber o quanto se aprimorou desde o dia em que esteve pela primeira vez em uma sala de aula.

Já a excelência moral é produto do hábito, é tudo aquilo que podemos alterar pelo hábito. Então, a excelência moral é adquirida através da prática, assim como as artes, por exemplo, você toca violão na medida em que passa a praticar e quanto mais tempo praticar, maior será sua habilidade e chances de se tornar um exímio tocador.

Por que o desenvolvimento da excelência moral é tão importante para nós? Porque está relacionada com as ações e emoções, que por sua vez estão relacionadas com o prazer ou sofrimento e por isso, a excelência moral se relaciona com os prazeres e sofrimentos. Pode-se dizer que a excelência moral é a capacidade que vamos desenvolver para lidar com nossas emoções e ações na relação direta com o prazer e o sofrimento. E disso resultará o bom uso que faremos ou não do prazer e do sofrimento.

Para Aristóteles “toda a preocupação, tanto da excelência moral quanto da ciência política, é com o prazer e com o sofrimento, por quanto o homem que os usa bem é bom, e o que os usa mal é mau”.

Portanto, para Aristóteles a busca é pelo meio termo, ou seja, o equilíbrio entre o excesso e a falta. É o desafio e enfrentamento diante de cada ação e emoção.

É por isso que a formação da excelência moral é uma busca constante e depende da capacidade racional, pois exige a todo o momento reflexão e escolha. A mediania (o meio termo) não é algo pronto e dado, mas escolhido e que precisa ser entendido para que se chegue a atingi-la.

Lendo Aristóteles pode-se perceber que a virtude do homem está relacionada às escolhas que ele faz. Essas escolhas não no sentido de querer ou não um ou outro objeto, mas escolhas no sentido de nossa racionalidade, ou seja, de agirmos de uma ou outra forma. São escolhas que orientam nosso agir e que estão ligadas ao que dissemos ou determinamos já no início.

Para Aristóteles, o homem só pode viver na Pólis, cidade grega, e isto por ser, por natureza, um animal político, ou seja, que vive na Pólis, portanto, em sociedade, pois seu agir não é isolado ou solitário, mas é sempre um agir em relação ao outro.

É bom destacar que a ética aristotélica não se apresenta de forma alguma como algo imperativo, ou seja, faça isto, não faça aquilo.

Mas joga a opção a cada um de nós para que façamos as escolhas e sejamos assim, sujeitos de nossos próprios atos e escolhas. Sendo assim, não há uma verdade pré-estabelecida e que nos cabe apenas segui-la, sem reflexão ou questionamento.



Assim, nos deparamos com a necessidade de, a cada ação, fazer a escolha, e o desafio é fazermos a escolha certa.

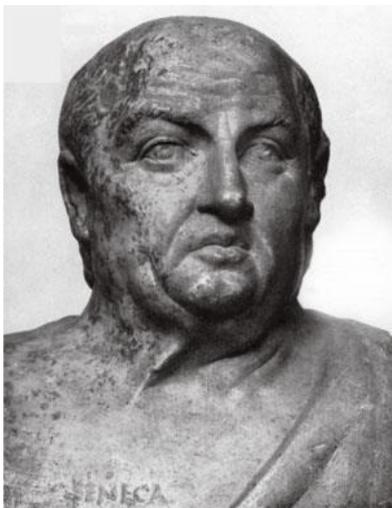
É, portanto, mais difícil, pois exige de nós uma atitude ativa e não simplesmente passiva diante da vida, das coisas e escolhas que nos cercam. Vejamos como poder escolher e, portanto, poder errar é sempre o que acaba por inibir as pessoas.

Precisamos refletir e desenvolver nossa capacidade de análise da realidade, pois isso depende exclusivamente de nós.

E como o mundo que nos cerca é também o mundo das relações humanas, saber escolher é um desafio constante e que diante das escolhas que fizermos não há retrocesso.

Para o pensamento aristotélico, tudo isso está diretamente relacionado com o fato de eu viver na Pólis, ou seja, viver em sociedade.

### Sêneca e a Felicidade



Vimos o caminho proposto por Aristóteles para que o homem possa viver bem e, portanto, atingir a finalidade de sua vida: a felicidade.

Enquanto Aristóteles distingue felicidade de virtude, entendendo a felicidade como fim último do ser humano, e a virtude como meio para atingi-la, os estoicos entendem felicidade e virtude como uma coisa só.

Portanto, para os estoicos, a felicidade consiste em viver segundo a natureza, pois "(...) postulam que a Natureza é permeada de racionalidade: o mundo é um todo orgânico, solidário e dirigido por uma razão universal, que é deus. [...] Tudo se submete a essa ordem universal: na filosofia estoica, não há lugar para o acaso, a desordem e a imperfeição como em Aristóteles e Platão".

Entre os estoicos destaca-se Sêneca que viveu três séculos depois de Aristóteles, ou seja, do ano 4 a.C. ao 65 d.C. É considerado o maior estoico do mundo latino. Sêneca viveu em Roma no período denominado Helenismo, datado entre o século IV a.C. e o século III d.C.

Sabe-se que Sêneca foi um dos principais filósofos estoicos do mundo latino e o Estoicismo uma escola filosófica que teve uma longa trajetória histórica. Podemos apresentar o estoicismo em dois momentos específicos, sendo eles: o Antigo Estoicismo e o Novo Estoicismo.

O primeiro período (estoicismo antigo) desenvolveu-se no séc. III a.C., com Zenão, de Cício, Cleanto, Crisipo e outros.

Dos dois períodos, foi nesse em que se desenvolveu o sistema estoico mais completo, preocupando-se seus representantes com a lógica, a física, a metafísica e a moral.

O segundo período (novo estoicismo ou estoicismo imperial) está ligado a três grandes nomes: Sêneca (nascido no início da Era Cristã e morto em 65), Epicteto (50-125 ou 130) e Marco Aurélio (121-180, imperador em 161). De Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio, temos obras conservadas no essencial; foram eles os grandes propagadores do estoicismo no Ocidente.

Para entender melhor o que nos diz Sêneca é bom esclarecer o que seja fortuna e versatilidade. Fortuna é uma divindade romana responsável pela sorte, pelo acaso e pelo imprevisto. Para a filosofia adota-se o termo acaso.

O acaso é para os estoicos um erro ou ilusão, pois entendiam que tudo acontecia no mundo por necessidade racional. Portanto, para os estoicos, em tudo o que acontece há uma razão, pois nada é visto como acaso.

O outro conceito que precisamos esclarecer é o de versatilidade. Nos textos de Sêneca, o termo versatilidade possui um caráter negativo, ao passo que para nós a versatilidade é algo positivo.

Cada vez mais se defende a necessidade de sermos versáteis. No caso do texto de Sêneca

podemos substituir o termo versátil por volúvel e assim nos aproximarmos mais da ideia que Sêneca quer nos passar.

Podemos observar que a recomendação chave de Sêneca está em “ceder de boa vontade à pressão das circunstâncias e não temer mudar.”.

É interessante que Sêneca pressupõe a tranquilidade diante do mundo que nos cerca. É preciso, para isso, nem cair em obstinação, nem em leviandade.

### Mas, afinal, é possível ser feliz?



Se observarmos nossos modos de vida hoje, veremos o quanto investimos na busca da felicidade, na ausência do sofrimento, na anestesia para as dores da existência.

Ser feliz é, muitas vezes, uma ideia associada a modelos previamente estabelecidos por nossa sociedade: o consumo desenfreado, a posse de objetos, dinheiro, fama, poder, status.

Quanto mais temos, mais tememos perder. Quanto menos temos, mais infelizes parecemos ser diante desse modelo.

Necessitamos atingir os parâmetros estipulados por um modelo econômico/social?

Nossa felicidade se resume a quanto podemos gastar? E quando não temos recursos para gastar? E quando gastamos muito e, ainda assim, não atingimos o que considerávamos ser um estado de felicidade?

Há uma forte tendência atual de se buscar a felicidade em drogas ou medicamentos.

Anestesias para os problemas da existência, felicidade artificial, encontrada em drogas lícitas ou ilícitas. Necessitamos desses recursos?

Se minha infelicidade é fruto de um problema que não resolvi, uma droga que provoque um estado de torpor, ou de felicidade artificial, resolverá o problema?

Este é o movimento de muitas pessoas hoje. Buscam entorpecer-se para esquecer o que lhes traz sofrimento, o que lhes perturba a existência.

Com isso, deixam ao lado os problemas, que ali permanecem, exigindo doses das drogas ou dos

medicamentos cada vez maiores, conseguindo somente assim não enxergar o que lhes perturba. Quando as dores se tornam insuportáveis, uma opção, muitas vezes, é desistir. Assumir o fracasso da existência e esperar, com a derrota, a própria morte.

Das muitas formas de morte, aquela que faz os dias parecerem sem fim, aquela que nos impede de ser o que somos, a morte em vida, é extremamente dolorosa.

Então, mais alguns medicamentos para suportar a espera do fim. É preciso viver desta maneira? Alguém opta, livremente, por esta forma de existência?

Poderia ser um caminho mais adequado buscar formas para solucionar as questões que nos incomodam, ainda que isso implique em algum transtorno, em um pouco de sofrimento, em algumas dores?

Talvez seja dolorido afastar os erros, os enganos, as falsas opiniões. Talvez seja triste descobrir que algumas coisas não são como pensávamos que fossem.

Mais triste talvez seja perceber que o que escolhemos como caminho não é bem como imaginávamos ser. O que fazer diante de situações dessa natureza? Como produzir vida em nós?

"A felicidade consiste em ser o que se é", afirmava o humanista Erasmo de Rotterdam em seu livro Elogio da Loucura. Conhecer e respeitar aquilo que somos, às nossas necessidades, encontrar modos para exercer o que somos, pode ser um caminho saudável para a existência.

Distante de padrões estipulados socialmente, longe da hipocrisia social que exige a anulação do que se é, como forma de ser, podemos valorizar tudo o que produz vida em nós.

### Compreensão

1. Quais as correntes filosóficas foram abordadas neste capítulo?

---

---

---

2. Diferencia a forma de pensar de cada uma delas.

---

---

---

## Capítulo 11

### O Humanismo Renascentista



O que seria o Humanismo Renascentista? Um tipo de filosofia ou um movimento artístico? Seria toda a produção intelectual do Renascimento?

Pois bem, para responder essa dúvida, primeiro temos de entender o que cada uma destas palavras (humanismo e renascentista) representa individualmente.

Vejamos o Humanismo

A expressão humanista remonta ao século XV, e era utilizada para referir-se a todo professor ou cultor da gramática, retórica, poesia, história e filosofia moral.

Estas disciplinas formam um estudo que os humanistas chamavam de *studia humanitatis* ou *studia humaniora*.

Já o Renascimento foi um período histórico entre meados do século XIV a meados do século XVI que buscava resgatar valores da Antiguidade Clássica greco-romana, incorporando valores humanistas, prevalecendo, desta forma, o Antropocentrismo (o humano como centro do Universo), em relação ao Teocentrismo (Deus como centro do Universo).

Em síntese, podemos afirmar que tais disciplinas – o humanismo e o antropocentrismo – estudavam o ser humano naquilo que o torna um ser único na natureza, que é a capacidade de expressar o próprio espírito. Somente o ser humano pode filosofar, pode ser poeta, pode criar normas para viver em sociedade. Somente o ser humano constrói a própria história.

Já o Renascimento, enquanto termo, por si só evoca expressões como “renovar”, “retornar”, ou seja, é como se o período histórico que estamos estudando significasse o renascimento de uma época em que se amava a filosofia, a arte, a ciência e a tantas outras áreas do saber, diferentemente do modo como acontecia naquele período, devido, sobretudo, ao teocentrismo medieval.

O homem renascentista, portanto, sentia-se como um verdadeiro renovador do espírito humano. Cultivar o espírito greco-romano não significava retornar ao passado, mas antes recuperar a beleza e a espiritualidade devotadas ao homem por aqueles povos e atualizá-las à realidade do século XIV em diante.

### Filósofos do Humanismo Renascentista

Agora, chegamos ao ponto em que podemos compreender em uma mesma ideia o espírito do humanismo renascentista: trata-se do fenômeno histórico que colocou o ser humano como centro dos esforços intelectuais e espirituais, permitindo o nascimento de uma nova luz, uma nova etapa, um novo momento.



**Petrarca** – o Humanismo inicia-se no século XIV e, em geral, credita-se como o seu primeiro expoente o poeta italiano Francesco Petrarca (1304-1374), que reclamou a necessidade dos homens olharem mais para dentro de si mesmos, e não tanto para o mundo que os rodeava.

Para o italiano, os homens de seu tempo esforçavam-se demais para entender os pássaros, peixes, feras, plantas, vales, rios, e esqueciam-se do mais importante, que era o próprio homem.

Petrarca admirava-se com as belezas naturais, porém não concordava que elas pudessem receber maior atenção que a alma humana por parte dos pensadores do seu tempo.

Dizia Petrarca – Eu, com efeito, me pergunto para que serve conhecer a natureza das feras, dos pássaros, dos peixes e das serpentes, mas ignorar ou não procurar conhecer a natureza do homem, por que nascemos, de onde viemos, para onde vamos.

Pico della Mirandolla – também Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494) enalteceu o homem como poucas vezes se viu na história do pensamento ocidental.

É dele que surge a doutrina da dignidade do homem: o homem é um grande milagre. Para ele, todas as outras criaturas são determinadas a serem apenas aquilo que são, já possuem uma essência fixa que as impossibilita de se guiarem para qualquer outra coisa.

Assim, uma árvore, um peixe ou um pássaro nunca sairão do ciclo de vida, do qual nasceram.

O ser humano, segundo Pico della Mirandolla, recebeu uma natureza não predeterminada, que o possibilita construir-se, que o permite tanto rebaixar-se ao nível das feras como elevar-se acima dos anjos.

✓ **Maquiavel** – Algumas décadas depois seria publicado na Itália um tratado que modificaria para sempre a racionalidade ocidental: *O Príncipe* (1513), de Nicolau Maquiavel (1469-1527), que até hoje empolga, surpreende e ao mesmo tempo desconforta tantas pessoas.

E por que tudo isso? Antes de entrarmos, ainda que brevemente, em seu pensamento, vejamos esta síntese de Alexandre Koyré, um dos grandes estudiosos da passagem da Idade Média para a Moderna: “Com Nicolau Maquiavel, encontramos verdadeiramente em todo outro mundo.

A Idade Média está morta. Mais ainda: é como se ela nunca tivesse existido. Nenhum de seus problemas – Deus, salvação, relação entre mundo dos vivos e o além, justiça, fundamento divino do poder – existe para Maquiavel. Só há uma realidade: a do Estado; um fato: o poder; e um problema: como afirmar e conservar o poder no Estado.



Ora, o Humanismo de Petrarca e de Pico della Mirandola ainda era muito ligado a religião medieval, portanto, diferente em certo sentido do humanismo de Maquiavel. Este, por outro lado, propunha um humanismo cuja preocupação central era: o que um soberano (político) deve fazer para conquistar e depois conservar o poder em suas mãos?

Com isso, Maquiavel inaugurava o chamado realismo político, que pode ser sintetizado no princípio da “verdade efetiva das coisas”, consistindo naquilo que determinava como as coisas são e não como deveriam ser.

É a realidade que importa, e não o plano ideal de como seria o Estado ou as pessoas. Com este realismo, Maquiavel, por assim dizer, desvincula a ética religiosa da ética política.

Para vencer nesta realidade política é essencial desenvolver a virtude do príncipe.

Maquiavel simplesmente quer que o soberano conserve o poder, e para isso “os fins justificam os meios”, pois o príncipe pode inclusive utilizar-se de

meios cruéis contra a população, quando necessário.

O cuidado que temos que ter ao interpretar Maquiavel é que o italiano não era defensor do autoritarismo, do despotismo ou do uso da crueldade, esses meios só seriam lícitos quando surgirem como as únicas ou melhores vias.

Maquiavel considera a necessidade de governantes bons e virtuosos. Para ele a diferença está em que a bondade e a virtude não pertencem à natureza humana do governante, mas que resultam da sua compreensão e atuação sobre o real.

Sem preocupar-se em desenvolver teorias, como fizeram outros pensadores, Maquiavel avalia a realidade e interpreta os seus escritos como compêndios de conselhos práticos e de instruções para a ação. Por isso, influenciar a realidade, e não desenvolver teorias é o seu propósito.

✓ **Leonardo da Vinci** – Quando pensamos em Renascimento é quase certo que o primeiro nome que nos vem à mente é Leonardo da Vinci (1452-1519), que em sua genialidade resume o que é o “homem do Renascimento”, alguém com conhecimentos e habilidades múltiplas, capaz de ser pintor, arquiteto, anatomista, escultor, matemático, inventor, músico, entre outras capacidades fascinantes. Mas, Leonardo da Vinci também foi filósofo.

Para Leonardo, o ser humano está na ordem mecanicista de toda a natureza. Há uma ordem em todas as coisas; a alma existe e é aquilo que anima os corpos, tornando-os vivos. Porém, ele não faz qualquer análise metafísica.

A natureza é o grande livro de Leonardo. Os antigos, como Aristóteles, são importantíssimos de serem estudados, mas não necessariamente são a verdade. Nem toda a filosofia cristã da Escolástica o convence. Para ele, a fé e o conhecimento por revelação, inspiração, não garantem uma certeza.

Mas, por onde nos guiamos para conhecer as coisas? Pela experiência e pela matemática, pois a natureza possui uma ordem perfeitamente matemática. Leonardo se definia como um “homem sem letras”, para dizer que sua formação era prática, nas oficinas com grandes mestres artesãos, e não trancafiado em bibliotecas como era de costume entre os grandes pensadores da época. Foi neste mundo prático que Leonardo descobriu que a observação pelos sentidos ensinava muito ao homem, ou seja, através da experiência.

Esta relação entre ciência e experiência no pensamento de Leonardo é tão profunda, mas não ao ponto dele ser considerado o fundador da ciência moderna. Este título é muito mais atribuído a filósofos cientistas que compuseram o grupo de intelectuais que participaram do processo de revolução científica ocorrida também no início da

Modernidade, os quais foram, sobretudo, Galileu Galilei e Isaac Newton.

✓ **Erasmus de Roterdã** – humanista holandês (1469-1536), Erasmus foi uma das figuras mais marcantes do Renascimento. Conservou, não obstante, a característica medieval de escrever em Latim e não em sua própria língua, o que o colocara ao lado de Dante, Petrarca e Lutero.

Dentre seus contemporâneos citam-se, além de Maquiavel e Leonardo da Vinci, os intelectuais Michelangelo, Rafael, Lutero, Calvino e Tomas Morus, seu grande amigo, em cuja casa escreveu a obra *O Elogio da Loucura*.

Ordenado sacerdote, obteve do Papa Júlio II a dispensa dos votos e lançou as bases de uma nova teologia, fundada nos evangelhos.

Com o início da Reforma, recusou-se a tomar o partido de Lutero, com o qual, depois de uma disputa de ideias, acabou rompendo definitivamente.

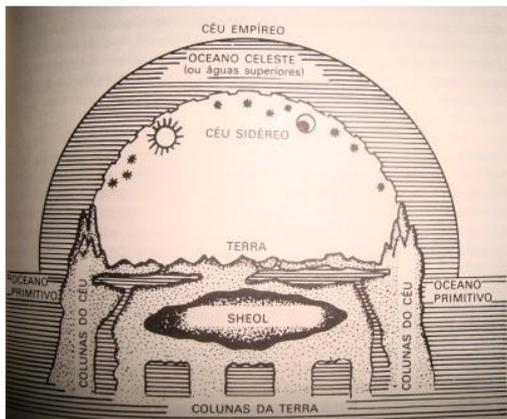
Erasmus criticava igualmente aos protestantes e aos católicos, embora nunca tenha deixado de ser católico. Acreditava na religião cristã de forma pura (sem os aparatos institucionais), na tolerância para com o outro e no amor ao conhecimento.

**Giordano Bruno** – resta-nos comentar sobre outro personagem importante nessa transição da Idade Média para a Modernidade: Giordano Bruno (1548-1600) e sua ideia de mundo infinito.

A obra de Bruno foi extremamente polêmica, partindo da aceitação do Heliocentrismo de Nicolau Copérnico e da hipótese de infinitude do Universo.

Para ele, o Universo é uno, tendo sido originado de uma mente ou causa suprema. O ser humano jamais poderá entender por completo este princípio supremo, pois consegue ver apenas os efeitos desse processo de criação.

Ou seja, o ser humano não consegue ver causa, apenas os efeitos. É como se quiséssemos conhecer um escultor apenas por meio da observação de uma das suas estátuas.



Embora não tenha sido um pensador propriamente moderno como aqueles que ainda

viriam como René Descartes, Galileu Galilei e o próprio Isaac Newton, Bruno encontra-se ao lado de Nicolau Maquiavel e Leonardo da Vinci, por exemplo, neste grupo de suma importância composto por humanistas-renascentistas que fizeram parte não somente de um momento histórico de transição do Medieval à Modernidade, mas de uma renovação significativa e determinante na história da filosofia ocidental.

Há que salientar o fato de que Giordano Bruno foi um padre dominicano, além de filósofo, que acabou condenado pela Inquisição da Igreja Católica. Bruno foi queimado por defender, além da infinitude do Universo, que o centro deste é o Sol e não a Terra, conforme defendia a Igreja ainda naquele momento.

### Compreensão

1. Leia este trecho, em que se faz referência à construção do mundo moderno:

“... os modernos são os primeiros a demonstrar que o conhecimento verdadeiro só pode nascer do trabalho interior realizado pela razão, graças a seu próprio esforço, sem aceitar dogmas religiosos, preconceitos sociais, censuras políticas e os dados imediatos fornecidos pelos sentidos”.

(CHAUÍ, Marilena. "Primeira filosofia". 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 80.)

A leitura do trecho nos permite identificar características do Renascimento. Quais são?

---

---

---

---

---

2. Cite três importantes pensadores renascentistas e suas principais ideias.

---

---

---

---

---